

ANA CARLA MEDEIROS TELES

CONTRA-ESCRITURAS DO ROMANCE SENTIMENTAL:

Uma leitura de *Who would have thought it?*, de María Amparo Ruiz
de Burton e *The Californians*, de Gertrude Atherton

Dissertação apresentada ao Curso de Letras
da Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para a obtenção do Grau
de Mestre em Letras. Área de
concentração: Estudos de Literatura

Orientadora: Prof^a Dr.^a SONIA Regina Aguiar TORRES da Cruz

Niterói, 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANA CARLA MEDEIROS TELES

CONTRA-ESCRITURAS DO ROMANCE SENTIMENTAL
Uma leitura de *Who would have thought it?*, de María Amparo
Ruiz de Burton e *The Californians*, de Gertrude Atherton

Dissertação apresentada ao Curso de Letras da
Universidade Federal Fluminense, como requisito
parcial para a obtenção do Grau de Mestre em
Letras. Área de concentração: Estudos de
Literatura

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a SONIA Regina Aguiar TORRES da Cruz
Orientadora (UFF)

Prof.^a Dr.^a CARLA de Figueiredo PORTILHO – Titular (UFF)

Prof.^a Dr.^a LEILA Assumpção HARRIS – Titular (UERJ)

Prof.^a Dr.^a GLAUCIA Renate GONÇALVES – Suplente (UFMG)

Prof. Dr. ANDRE Cabral de Almeida CARDOSO – Suplente (UFF)

Defendida a dissertação:

Nota:

Em: / /2010

Niterói

2010

A meus queridos pais, Marlene e Carlos, pelo incondicional apoio, confiança e motivação.

A Raimundo Alves Fonseca Filho (In Memoriam) pela imensa generosidade em me oferecer seu lar e pelos conselhos valiosos.

Agradecimentos

À minha orientadora Sonia Torres, pela orientação constante e competente (desde os “longínquos” tempos da especialização).

À minha tia Maria do Carmo pelo incentivo e confortável acolhida durante esses quase 5 anos de Rio de Janeiro.

À Andrea Goulart pelo carinho, motivação e sugestões imprescindíveis nos momentos mais cruciais.

Aos professores e queridos colegas da UFF que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Sumário

Resumo.....	7
Abstract	8
Introdução	9
CAPÍTULO I: Breve panorama dos EUA no Século XIX: História, Ciência e Literatura.....	15
1.1 Ciência e tecnologia a serviço do expansionismo.....	16
1.2 A corrida do ouro	20
1.3 Imigração	24
1.4 O romance do século XIX nos Estados Unidos	27
1.4.1 O romance sentimental ‘feminino’.....	33
CAPÍTULO II: Fronteiras Geográficas e Fronteiras Culturais de Gênero..	39
2.1 O Oeste de <i>The Californians</i>	41
2.2 O Oeste em <i>Who would have thought it?</i>	48
2.3 Fronteiras de gênero em <i>The Californians</i>	50
2.4 Fronteiras de gênero em <i>Who would have thought it?</i>	58

CAPÍTULO III: Por Isso Não Provoque, Não é Exatamente Cor-de-Rosa- Choque: Olhar Crítico Feminino em <i>Who would have thought it?</i> e <i>The Californians</i>	63
3.1 Política e sociedade em <i>Who would have thought it?</i>	68
3.2 A questão da terra e o discurso de hispanidade em <i>The Californians</i>	79
Conclusão	90
Obras citadas.....	96
Bibliografia geral	98

Resumo

O presente trabalho discute dois romances escritos por mulheres no século XIX, *Who would have thought it?* (1872) de María Amparo Ruiz de Burton e *The Californians* (1898) de Gertrude Atherton, tendo como objetivo a abordagem dos mesmos enquanto singulares exemplos de transgressão do romance sentimental anglo-americano tradicional. Nos romances discutidos nesta dissertação, encontramos uma representação crítica da sociedade estadunidense que foge aos padrões do típico romance sentimental feminino produzido nos EUA durante o século XIX, o que permite a proposição de que eles podem ser lidos como uma contra-escritura desta forma de romance. Para a fundamentação deste estudo, utilizaram-se escritos de teóricos e críticos que abordam o gênero romance, bem como outros que tratam de história e cultura. Desse modo, pretendeu-se estabelecer um diálogo entre literatura, sociedade e cultura.

Palavras-chave: romance sentimental, sociedade estadunidense, hispânicos nos EUA

Abstract

The present work discusses two novels written by women in the 19th century – *Who would have thought it?* (1872) by María Amparo Ruiz de Burton and *The Californians*(1898) by Gertrude Atherton – and proposes to approach these works as transgressive examples of the traditional sentimental novel of that time. In the analysis of these works, I seek to argue that both novels present critiques of U.S. society which distinguish them from the typical nineteenth-century Anglo American sentimental novel, in that they can be read as counterdiscursive narratives. In order to lay down a solid basis for this study, I have used the works of critics who discuss the genre of the novel, as well as the works of scholars specializing in history and culture. In this way, I have tried to promote productive dialogues between literature, society and culture.

Key words: sentimental novel, American society, Hispanics in the U.S.A.

Introdução

O estudo aqui apresentado se relaciona à minha experiência enquanto aluna do Curso de Especialização em Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal Fluminense. Em minha monografia de final de curso, *She unwrites them: masculine codes and feminine transgressions in the works of Margaret Atwood and Pam Houston* (cf. TELES, 2007), escolhi abordar a questão dos papéis sociais (homem/mulher) e como as protagonistas femininas criadas pelas autoras escolhidas – no caso, a escritora estadunidense Pam Houston e a canadense Margaret Atwood – transgrediam os códigos masculinos existentes em suas respectivas sociedades e terminavam por subvertê-los e reescrevê-los. Para tanto, utilizei coletâneas de contos das autoras acima citadas. Surgiu-me, então, a idéia de realizar um estudo de romances escritos também por mulheres, agora do século 19, que de certa forma contestassem códigos da sociedade estadunidense do período.

Após a leitura dos dois romances que formam o *corpus* ficcional dessa dissertação – *Who would have thought it?* (1872) de María Amparo Ruiz de Burton e *The Californians* (1898) de Gertrude Atherton – percebi que um possível recorte seria a abordagem de tais romances enquanto

escritas que se contrapõem ao discurso hegemônico da cultura anglo-americana do século XIX. Ruiz de Burton e Atherton trazem à tona em seus romances questões como expansionismo, discriminação e corrupção. O fato de serem romancistas mulheres e possivelmente sofrerem elas mesmas discriminação em relação à sua ficção (pejorativamente classificada de ‘feminina’ e supostamente não adequada à crítica social) apenas acrescenta a esse trabalho um desafio e, por conseguinte, maior atrativo.

Publicado anonimamente em 1872, ou seja, durante o período de Reconstrução Congressista (1867-1877), *Who would have thought it?* deve ser enxergado sob a perspectiva de um momento no qual ocorriam grandes mudanças sociais, políticas e econômicas nos EUA (recém saído da Guerra Civil). (cf. SÁNCHEZ e PITA, EM: RUIZ DE BURTON, 1995: viii) Mais importante, ele nos oferece uma perspectiva histórica a partir do ponto de vista de uma autora que tinha origem mexicana e fora membro de uma classe privilegiada da Baixa Califórnia: os *californios*¹. Ruiz de Burton mudou-se para a Alta Califórnia em 1847, se transformando em cidadã estadunidense, mas também em minoria subalterna com a anexação da Califórnia pelos EUA em 1848. Sua história pessoal permitiu à autora desenvolver uma visão político-econômica mais abrangente das mudanças em andamento nos Estados Unidos naquele momento histórico. Portanto, ela oferece aos seus leitores a visão privilegiada de uma ‘estrangeira’ (na

¹ O termo espanhol é utilizado para identificar os californianos de ascendência hispânica.

verdade, ela era cidadã estadunidense) que vivenciou episódios históricos de sua época. Seu olhar é, em grande medida, de uma *outsider* ou, se preferirmos, de fora para dentro.

The Californians (1898), romance de Gertrude Atherton, retrata a Califórnia das últimas décadas do século XIX. Em particular, o romance retrata a cidade de São Francisco durante o período no qual se observa grande crescimento econômico e populacional. São Francisco se tornara cidade dos EUA apenas em 1850 (até 1848 ainda era território mexicano), pouco depois que a corrida do ouro eclodira, transformando a Califórnia no principal destino de aventureiros estadunidenses e estrangeiros. A jovem Magdaléna, protagonista do romance, pertence a família Yorba que é nativa da Califórnia e residente daquelas terras desde os tempos coloniais. Os Yorba são, portanto, genuínos *californios*. A chegada em massa dos gringos após a anexação da Califórnia pelo governo estadunidense e posteriormente a corrida do ouro são abordados de forma crítica: aquele era um paraíso profanado pela ambição desmedida de um governo por terras e de homens pelo ouro. Atherton aborda ainda os conflitos gerados quando culturas distintas – a hispânica e a anglo-americana – dividem o mesmo espaço.

Vamos a uma breve exposição que delineie o roteiro da dissertação. Depois dessa introdução que situa o cerne de meu estudo, dedico o primeiro capítulo ao que chamo de um breve panorama histórico dos EUA do século XIX. Nesse capítulo abordo questões como expansionismo, imigração,

corrida do ouro, bem como o gênero romance produzido nos EUA durante o século XIX. Quanto a esse último tópico (o gênero romance), busco enfatizar a abordagem do romance ‘feminino’ visto ser em torno dessa categoria (sobretudo o romance sentimental) que gira a discussão central do meu estudo. Para tal discussão, busco o diálogo com teóricos como Ronald Takaki, Cathy N. Davidson, Rhoda Blumberg e Lora Romero entre outros.

No segundo capítulo, abordo o tópico fronteiras. Nesse capítulo, apresento considerações relativas às fronteiras geográficas da nação estadunidense que naquele período estão sendo expandidas rumo ao oeste, bem como outras considerações relativas às fronteiras culturais (mais particularmente pertinentes a questão de gênero). Para o primeiro caso, um texto fundamental para esse estudo foi *Oeste Americano – Quatro ensaios de história dos Estados Unidos* do historiador estadunidense Frederick Jackson Turner. Quanto às fronteiras culturais, uma obra de extrema importância para essa dissertação foi *Borderlands – La Frontera* da autora chicana Glória Anzaldúa.

Por fim, dedico o terceiro capítulo à discussão da crítica social e política presente nesses romances que, no meu entender, representam uma desconstrução ainda que parcial do típico romance sentimental produzido na época. A expectativa que se cria em torno de ‘romances sentimentais femininos’ é a de que sejam apresentadas histórias românticas nas quais as

jovens protagonistas sofrem por amor, passam por terríveis atribulações, superando-as uma a uma para, enfim, alcançar o tão merecido e já previsto final feliz. Tendo como parâmetro a tradição dos romances sentimentais da época, *Who would have thought it?* e *The Californians* não fogem totalmente à fórmula acima descrita, daí minha afirmação de que esses romances realizam uma desconstrução parcial do romance sentimental padrão. De fato, ambos narram histórias românticas pinceladas com uma dramaticidade por vezes exacerbada e terminam com o nada surpreendente final feliz. Contudo, a desconstrução reside na existência de elementos do romance de aventura, do picaresco e do *testimonio* em *Who would have thought it?*, por exemplo. Em *The Californians*, apesar de sua aparência mais convencional e condizente com a fórmula do romance sentimental, a desconstrução reside na tentativa da narradora de imprimir uma crítica relevante através de comentários disparados nas entrelinhas do texto. Meu argumento é de que esses romances transcendem o padrão convencional dos romances sentimentais, ao buscarem realizar uma crítica social e política da sociedade estadunidense do século XIX. Os autores que são referências fundamentais para a discussão que busco imprimir nesse último capítulo são Rodolfo Acuña, Genaro M. Padilla e Glória Anzaldúa. Em *Occupied America – A history of chicanos*, Acuña apresenta a história dos chicanos nos EUA, enfatizando o sudoeste daquele país como o grau zero da cultura mexicana nos EUA. Para o presente estudo, interessa principalmente o

capítulo 5 – “California Lost: America for Anglo-Americans” – no qual o autor aborda os eventos que antecederam a anexação da Califórnia pelos EUA e as mudanças ocorridas após a mesma. Já Genaro Padilla em *My history, not yours – The formation of Mexican American autobiography* nos oferece um estudo de escritos autobiográficos de mexicanos que se tornaram cidadãos estadunidenses após o final da guerra entre México e EUA. Os *testimonios* desses homens e mulheres sobre suas vidas pessoais e sobre suas comunidades são uma forma de manter viva a memória e também de resistir a uma cultura hegemônica. Padilla discorre sobre as relações de poder que permeiam tais narrativas, demonstrando que há nelas um conteúdo altamente político. Por último, em *Borderlands/la frontera*, Gloria Anzaldúa aborda a questão da identidade de pessoas que vivem imersas em culturas contraditórias. Para esse estudo, foram úteis as reflexões de Anzaldúa sobre o choque de culturas que são vivenciados entre pessoas de origem hispânica e *anglo*, uma vez que um dos romances escolhidos para essa dissertação – *The Californians* – recria literariamente os encontros, conflitos e experiências entre essas duas culturas na Califórnia do final do século XIX.

Em linhas gerais, essas são as diretrizes deste estudo, que busca primordialmente promover uma discussão sobre a sociedade estadunidense do final do século XIX a partir de um olhar social contra-hegemônico presente nas obras ficcionais escolhidas para formar seu *corpus*.

CAPÍTULO I

Breve panorama dos EUA no Século XIX: História, Ciência e Literatura

O século XIX caracteriza-se por ter sido um período de transição nos Estados Unidos: o país deixou de ser uma grande nação agrária para transformar-se em uma moderna nação industrial. Todavia, tal transformação não se operou de forma rápida e pacífica, pois, como sabemos, foram travadas guerras em nome do progresso da nação. Um dos fatos marcantes na história dos Estados Unidos do século XIX foi sua política expansionista, que tinha estreita relação com certas crenças dominantes no período. Pode-se afirmar que, naquela época, inaugura-se a idéia do excepcionalismo ‘americano’, fortemente calcada na noção de Destino Manifesto, doutrina que declarava ser a nova nação espiritualmente superior e sua expansão um desígnio divino.

Em seu livro intitulado *Race and Manifest Destiny: The Origins of American Racial Anglo-Saxons*, o estudioso Reginald Horsman (1981) afirma que embora o jornalista John L. O’Sullivan seja o autor do termo Destino Manifesto², tal conceito teria origem na tradição anglo-saxã. Desta

² Em 1839, John L. O’Sullivan, editor do jornal *Democratic Review*, cunhou o famoso termo *Manifest Destiny* (Destino Manifesto) para descrever a legitimidade da expansão de seu país.

forma, a crença dos estadunidenses de ser o povo escolhido pela providência divina com a missão de espalhar os conceitos de liberdade, justiça e democracia a povos menos privilegiados se relacionaria com a crença dos ingleses acerca de sua ascendência superior. Eles, os ingleses, eram descendentes dos anglo-saxões que, por sua vez, descendiam de uma raça ariana superior que atravessara as montanhas asiáticas para se estabelecer no norte da Europa. Portanto, temos aí criados mitos de superioridade étnica que serviriam de justificativa para subordinação e opressão de outros povos, ditos inferiores. Por este prisma podemos, por exemplo, enxergar na história dos Estados Unidos episódios como a escravização de africanos, o extermínio de indígenas e a anexação de territórios pertencentes ao México por meio de um acordo assinado após a vitória estadunidense em uma guerra inventada³, de claro propósito expansionista.

1.1 Ciência e tecnologia a serviço do expansionismo

O'Sullivan descreveu a expansão estadunidense como algo inevitável e acusou seus opositores de estarem impedindo tal processo que era, segundo ele, um desígnio divino.

³ Remeto o leitor interessado em maiores detalhes sobre a guerra entre México e Estados Unidos ocorrida entre 1846 e 1848 à leitura de *Occupied America* de Rodolfo Acuña. No capítulo em que o autor trata da conquista do noroeste do México (pp. 5-21) temos uma descrição de como os Estados Unidos fabricaram uma guerra contra o México (então enfraquecido por sua própria guerra de independência recém-travada contra a Espanha) com o intuito de expandir seu território.

No século XIX, o ritmo do desenvolvimento científico e tecnológico cresceu imensamente. Se pensarmos que foi exatamente neste período que o termo *cientista* foi cunhado e a obra *A Origem das Espécies* (1859) de Charles Darwin ganhou popularidade, teremos uma noção inicial da importância da ciência para a sociedade daquele século. No caso específico da sociedade estadunidense, a ciência e a tecnologia serviram de instrumentos cruciais para a expansão do país rumo ao oeste. No livro *Iron Cages – Race and Culture in 19th-century America*, Ronald Takaki (1990) discute o avanço tecnológico e o processo de industrialização vivenciados pelos Estados Unidos durante o século XIX, e que resultou na transformação do país na nação moderna que hoje conhecemos. Para o presente estudo, interessa particularmente o suporte oferecido pela tecnologia para a concretização dos planos expansionistas do país, ou seja, a relação estreita entre ciência e expansão. Afinal de contas, esta “tecnologia branca”⁴ forneceu instrumentos essenciais para a apropriação de terras de indígenas e de mexicanos na faixa oeste dos Estados Unidos, por exemplo. Takaki afirma que o destino da população branca estadunidense se manifestava no progresso da tecnologia, na dominação da civilização sobre a natureza, na expansão rumo ao oeste e, por fim, na destruição de nativo-americanos e mexicanos. (cf. TAKAKI, 1990: 156)

⁴ Termo utilizado por Takaki no subtítulo “White Technology: Anglo Over Mexican” no livro referenciado acima.

Cabem, aqui, alguns dados históricos, para uma melhor compreensão da sociedade estadunidense do século 19. Ainda durante a presidência de George Washington (1789-1797), o governo passou a oferecer terras a preços baixíssimos, pois buscava incentivar a colonização do oeste do país. Era a chamada Marcha para o Oeste. Esta política terminou por atrair muitos imigrantes, especialmente irlandeses, alemães e ingleses que, povoando as terras do oeste, alargavam as fronteiras do país. Além disso, o território dos Estados Unidos aumentava também por via de compra de territórios e de acordos diplomáticos. A Louisiana foi comprada da França em 1803 e a Flórida foi adquirida da Espanha em 1819. Por meios diplomáticos, o governo dos EUA adquiriu a região de Oregon que, cedida pela Inglaterra, se tornou território estadunidense em 1849. Por outro lado, a vitória dos EUA na guerra travada contra o México entre os anos de 1846 e 1848 foi o evento que resultou no mais significativo aumento territorial daquele país, visto que ele se apropriou de praticamente metade do antigo território mexicano: o equivalente aos atuais estados da Califórnia, Novo México, Nevada e parte dos estados do Colorado, Arizona e Utah. (cf. ACUÑA, 1988: 18-20) Depois disso, o espaço geográfico da nação passou a estender-se do Oceano Atlântico ao Pacífico, sendo esta última costa crucial para a futura conquista de um mercado asiático. Takaki cita um proeminente senador da época, Thomas Hart Benton, que falando ao congresso logo após a declaração de guerra contra o México em 1846,

ênfatiza a importância da chegada dos seus compatriotas na costa oeste do país (estrategicamente oposta à costa leste asiática), chamando-a de “um benefício para a humanidade”. (cf. TAKAKI, 1990: 155)

Para se movimentar em um país de tamanha extensão era necessário melhorar os meios de transporte. Não havia mais lugar para as velhas diligências que carregavam poucos passageiros e eram extremamente lentas, por andarem sempre sobrecarregadas. As estradas também não contribuía, a maioria apenas de terra que se tornava lama no inverno. Havia ainda o transporte fluvial que era mais barato que o transporte terrestre quanto à circulação de mercadorias. Mas este também era um meio de transporte lento e apenas poucos barcos eram capazes de viagens rápidas rio-acima, ou seja, quando navegavam contra a correnteza. Os vapores inventados ainda no início do século representaram um grande avanço no transporte fluvial dos Estados Unidos. Em 1807, Robert Fulton (inventor e engenheiro estadunidense) navegou de Nova Iorque a Albany demonstrando a praticidade e viabilidade da navegação por meio de barcos a vapor. Contudo, foi mesmo um novo meio de transporte que veio a se transformar na principal maneira para circulação de mercadorias no continental território dos Estados Unidos: a ferrovia. Após 1830 a construção de ferrovias se intensificou, acelerando também o comércio

entre as costas leste e o oeste que, por fim, se tornaram unidas pelos trilhos em 1869.⁵

Para a construção dessas ferrovias, a mão-de-obra de imigrantes foi determinante, sendo os chineses aqueles que representaram o maior número de trabalhadores empenhados na tarefa. Eles imigraram em massa para a Califórnia fugindo da miséria de seu país e, como será posteriormente detalhado, tiveram um papel crucial na construção da ferrovia transcontinental que uniu através dos trilhos as duas costas dos EUA.

1.2 A corrida do ouro

*“Oh Susannah
Don't you cry for me,
I'm bound for California
With a washbowl on my knee”
(Canção folclórica cantada na época da corrida do ouro)⁶*

O ouro foi descoberto em Coloma (Califórnia) em janeiro de 1848, por James W. Marshall, um carpinteiro que havia sido contratado por um rico proprietário de terra chamado John Sutter para a construção de uma serraria localizada à beira do rio *American* (Vale do Sacramento). Apesar

⁵ Dados extraídos do site Digital History – Em : “The Roots of American Economic Growth”

⁶ Cf. BLUMBERG, 1989:17

da tentativa inicial de Sutter de manter segredo sobre a valiosa descoberta, a história nos conta que, em pouquíssimo tempo, Coloma se tornou o principal destino dos milhares de aventureiros que sonhavam com a fortuna, até que o precioso metal fosse também descoberto em outros locais da região, como Mariposa, Sonora, Grass Valley, Sierra City, etc. (cf. BLUMBERG, 1989: 2-5)

A corrida do ouro foi um dos eventos mais significativos na história da Califórnia. Basta ressaltar que devido ao aumento populacional resultante desse evento, a Califórnia foi elevada à categoria de estado da união em 1850. (cf. BLUMBERG, 1989: 91) Embora muitos aventureiros chegassem de barco, provenientes de diversas partes do mundo como, por exemplo, Ásia, Europa e América Latina, a jornada por terra era a preferida dos estadunidenses que habitavam o meio-oeste e também o leste do país. E foi exatamente o imaginário desse estadunidense que a descoberta do ouro habitou mais profundamente: milhares de jovens enfrentaram a jornada por terra até a costa oeste onde sonhavam encontrar riqueza e regressar para casa. Saindo da costa leste do país, eles podiam levar até cinco meses para chegar à Califórnia (caso sobrevivessem à jornada). Muitos morreram de cólera no caminho, além de infectar nativos americanos, que foram dizimados pela doença. (cf. BLUMBERG, 1989: 40-44) Essa migração interna em massa foi a maior ocorrida nos Estados Unidos no século XIX.

Um fato interessante de menção é que aquelas pessoas que migraram para a Califórnia enfrentando as mais duras intempéries pareciam ter consciência da importância histórica de sua saga rumo ao oeste, pois registraram tais experiências em cartas, diários e memórias, formando uma extensa literatura folclórica sobre o assunto. A maior parte das narrativas apresenta as mesmas características: descrições das adversidades da jornada, solidão, risco de morte por doenças, acidentes ou ataque de nativos americanos.⁷

A historiadora estadunidense Rhoda Blumberg afirma que o fato mais interessante acerca da corrida do ouro é que foram pessoas comuns as protagonistas desse episódio histórico (cf. BLUMBERG, 1989: 1). E foram tantas que decidiram aventurar-se na distante e lendária Califórnia que ocorreu uma explosão de população, resultando em poder para o território, mas também em inúmeros problemas. Vale lembrarmos que, antes de 1848, a Califórnia era ainda território mexicano. O Tratado de Guadalupe-Hidalgo (assinado após o fim da guerra entre México e Estados Unidos) data de dois de fevereiro de 1848; ou seja, é posterior à descoberta do ouro em janeiro do mesmo ano. Saberiam os signatários do Tratado da riqueza adormecida

⁷ Remeto o leitor interessado em maiores detalhes sobre tais relatos ao livro *The world rushed in: The California gold rush experience* (1981) do renomado historiador estadunidense J. S. Holliday. Em seu livro, Holliday apresenta trechos de inúmeros diários e cartas de *forty-niners* que nos dão a exata dimensão da singular experiência nacional que foi a corrida do ouro. O termo *forty-niner* se refere ao 'ano de ouro' 1849 e se aplica aos aventureiros que chegavam à Califórnia atraídos pelo ouro.

sob o solo californiano? Blumberg afirma que não. (cf. BLUMBERG, 1989: 2).

Antes de 1848, a Califórnia tinha sido uma bucólica província mexicana povoada por fazendas e ranchos. Com a “febre do ouro”, cidades como São Francisco cresceram rapidamente e se transformaram em centros comerciais. A propósito, as mercadorias vindas do leste e nordeste do país entravam pelo porto de São Francisco. Estas eram inflacionadas ao extremo, fato que resultou em rápido enriquecimento de comerciantes que lucravam com aquele novo mercado consumidor. Além dos comerciantes locais, a região norte do país e até exportadores europeus lucraram bastante com a venda de mercadorias para o mercado consumidor californiano. Portanto, a corrida do ouro representou também impulso à economia nacional e internacional. (cf. BLUMBERG, 1989: 62-64).

Segundo Blumberg, um aspecto negativo resultante do aumento da população é que o nível de violência alcançou altos índices durante a corrida do ouro. Obviamente, a maior parte dos crimes ocorria por causa de desavenças entre mineiros. Desde o fim da guerra entre o México e os Estados Unidos, o governo era ocupado por militares estadunidenses, e estes não tinham controle sobre a violência. Em campos de mineração não existia força policial ou juizados; ou seja, eram os mineiros que faziam justiça com suas próprias mãos. Também cidadãos comuns começaram a organizar comitês de vigilância em cidades que faziam sua própria justiça.

O clima era de uma terra sem lei, onde a violência imperava por toda parte. (cf. BLUMBERG, 1989: 88-91).

Foi entre os anos de 1848 e 1852 que a corrida do ouro na Califórnia esteve em alta. Durante este período a população da Califórnia cresceu de 15 mil para 250 mil habitantes. Com o final da “febre do ouro”, a Califórnia se tornou um destino para empreendedores e pessoas que buscavam uma melhor qualidade de vida no belo cenário californiano. A agricultura começou a florescer nos vales e a indústria a surgir nas cidades. A viagem para o oeste se tornara bem mais fácil a partir de 1869 com a ferrovia transcontinental eliminando quaisquer fronteiras. (cf. BLUMBERG, 1989: 121)

1.3 Imigração

A imigração durante o século XIX é também um fato digno de menção. Os números saltam de cinco mil imigrantes no início do século para cerca de dois milhões e meio na metade do mesmo.⁸ A maioria vinha da Irlanda e Alemanha, atraída pelas promissoras oportunidades econômicas, bem como pela liberdade política e religiosa. Apenas para que

⁸ Dados extraídos do site Digital History. - Em : “Immigration begins”. Disponível em:< http://www.digitalhistory.uh.edu/database/article_display.cfm?HHID=613> Último acesso: 24-10-2010

se tenha uma idéia do resultado desta volumosa imigração, por volta de 1850 os irlandeses consistiam em metade da população das cidades de Nova Iorque e de Boston. Tal fato ocorreu devido à Grande Fome que abateu a Irlanda entre 1845 e 1850, quando um fungo devastou as plantações de batata do país, resultando em redução de um quarto da população do país, entre mortos e emigrantes. Atualmente, o trágico evento da Grande Fome da batata é considerado um dos maiores desastres sociais ocorridos na Europa no século XIX.

Também os asiáticos (especialmente os chineses) começaram a chegar ainda no início do século. Quanto a estes últimos, podemos afirmar que desempenharam um papel fundamental enquanto massa laboral quando passaram a imigrar para os Estados Unidos em grande número a partir da segunda metade do século. Takaki registra que, entre 1850 e 1880, a população chinesa saltou de aproximadamente 7 mil para 105 mil. Eles chegaram a constituir 8.6% da população californiana em 1870, detendo 25% dos ganhos da massa laboral do estado. (cf. TAKAKI, 1990: 216) Naquela época, os chineses constituíram a mão de obra necessária para a construção da ferrovia transcontinental, autorizada pelo congresso dos EUA em 1862 e concluída em 1869. Começando a trabalhar na construção da ferrovia na Califórnia a partir de 1865, os chineses chegaram a somar 12 mil trabalhadores de um total de 13 mil e quinhentos trabalhadores da Central Pacific (empresa encarregada de construir a ferrovia a partir de

Sacramento em direção ao leste). Embora ganhassem menos que os trabalhadores brancos, os chineses trabalhavam arduamente e ganharam a fama de serem pacíficos, pacientes e engenhosos.

No entanto, Takaki (1990) afirma que desde os primeiros anos de contato com a população de origem anglo-saxã dos Estados Unidos, os chineses foram submetidos ao que o historiador Dan Caldwell (citado por TAKAKI, 1990: 216) denomina *Negroization*; ou seja, foram equiparados aos afro-americanos e receberam o mesmo tratamento discriminatório. Vale ressaltar que embora os afro-americanos fossem livres a partir de 1865, algumas correntes pregavam sua remoção do país, no intuito de torná-lo mais homogêneo (ou ‘mais branco’). Também os chineses – tidos como incivilizados, moralmente inferiores, lascivos e até infantis – eram, na visão de boa parte da população anglo-americana, os novos bárbaros que deveriam ser expulsos do país. (cf. TAKAKI, 1990: 217-219) Por isso, os chineses enfrentaram diversas leis discriminatórias criadas pelo estado da Califórnia – como a proibição de seu testemunho em juízo, proibição ao voto ou naturalização, segregação em escolas específicas para indivíduos que não fossem tidos como brancos (leia-se chineses, afro-americanos e nativo-americanos), além da cobrança de taxas pagas ao estado pelo exercício das funções de mineiro ou pescador. (cf. TAKAKI, 1990: 220) Cada vez mais o governo dos EUA demonstrava inclinação a atender os apelos dos “anti-chineses”. Até mesmo o presidente do país, Rutherford

Hayes (na presidência entre 1877 e 1881), escreveu sobre o “problema chinês”, afirmando que veria com bons olhos qualquer medida que desencorajasse a emigração de chineses para os Estados Unidos. (cf. TAKAKI, 1990: 220) Três anos mais tarde, em 1882, o Ato de Exclusão de Chineses (do inglês *The Chinese Exclusion Act*) suspendia a imigração de trabalhadores chineses e tornava os que já residissem no país inelegíveis à cidadania estadunidense. (cf. TAKAKI, 1990: 221)

1.4 O romance do século XIX nos Estados Unidos

Após a Guerra Civil, os Estados Unidos caminhavam rumo ao posto de nação mais industrializada do mundo. Gradativamente, o número de pessoas trabalhando no campo diminuía, visto que elas migravam para as cidades em busca de trabalho nas fábricas. Em meados do século, houve um significativo aumento no nível de educação da população, o que representou o surgimento de mais leitores que se detinham especialmente na leitura de jornais e revistas. Contudo, seria correto afirmar que pouca ficção era publicada no país no início do século 19. A grande maioria das publicações consistia de almanaques, manuais de auto-ajuda ou textos que versavam sobre religião, medicina e direito. Quando se pensava em romances, eram os históricos escritos por europeus, os preferidos dentre o público leitor, sendo os livros de Sir Walter Scott os mais populares.

Na introdução de *The Columbia History of the American Novel*, Cathy N. Davidson ressalta que fatores como produção de papel, nova tecnologia de impressão e facilidade de transporte contribuíram para o aumento da popularidade do gênero romance ainda durante o século 19. (cf. DAVIDSON, 1991: 3) Contudo, se faz necessária uma reflexão sobre a natureza desse romance e sua tradição literária. Que características possuía o romance produzido nos Estados Unidos durante o século XIX? Qual a possível relação entre estes romances e a ideologia predominante nos Estados Unidos da época? Interessa-nos, neste estudo, abordar o romance enquanto potencial instrumento político- ideológico, ou seja, inserido em um contexto histórico.

Ao que parece, o romance despertou polêmica nos Estados Unidos ainda no final do século XVIII. Os moralistas o odiavam e o acusavam de contribuir para a dissolução de valores morais. Por outro lado, seus defensores afirmavam que o romance era educativo, nacionalista e popular, podendo ser utilizado como instrumento para a integração de uma nação recém saída de uma guerra por independência, ou seja, uma nação em processo de formação. (cf. DAVIDSON, 1991: 3) Como foi mostrado anteriormente, o país recebia grande número de imigrantes (principalmente europeus) que falavam outras línguas, praticavam outras religiões e possuíam valores distintos da cultura anglo-americana. Teoricamente, o romance, com seu universo imaginário de forte apelo popular e

simplicidade linguística, poderia ser acessível a essa massa imigrante, bem como à classe trabalhadora em geral. Era ‘educativo’, no sentido de que apresentava aos menos privilegiados os valores e costumes da classe média. (cf. DAVIDSON, 1991: 3-4) Além disso, bem no início de sua trajetória, o romance estadunidense utilizou escândalos locais como material de exploração.⁹ Dessa forma, teria uma espécie de função pedagógica como instrumento de informação da comunidade acerca de ‘más-condutas’ de indivíduos que eram expostas à opinião pública através de histórias ficcionalizadas. (cf. DAVIDSON, 1991: 4)

Um bom exemplo de romances dessa fase seria *The Coquette* (1797) de Hannah Foster que irá explorar um escândalo local que foi amplamente divulgado nos jornais da época: uma mulher grávida que se hospeda sozinha em um albergue em Massachusetts, afirmando que esperava por seu marido. Ela dá à luz a uma criança que nasce morta e, logo em seguida, ela própria também morre em decorrência de uma infecção. (cf. RUBIN-DORSKY, 1991: 16) Vale ressaltar que, inicialmente, romances focavam em personagens femininas e eram supostamente endereçados ao público feminino. O enredo sobre sedução de mulheres foi recorrente nos romances

⁹ Vale ressaltar que essa prática de alguns romancistas em ficcionalizar fatos reais não seria, obviamente, exclusividade do romance estadunidense. O romance folhetim francês do século 19, por exemplo, extraía seus enredos dos *faits divers* (do francês, “fatos diversos”) seção do jornal que cobria escândalos, curiosidades e bizarrices. Remeto o leitor interessado à leitura de *Folhetim: uma história*, de Marlyse Meyer onde a autora oferece uma análise do gênero folhetinesco e aponta uma proximidade entre o *fait divers* e o romance-folhetim: ambos lidam com temas considerados de ‘mau gosto’ e se caracterizam pela redundância e pelo excesso. (cf. MEYER, 1996: 233-235)

escritos durante as duas primeiras décadas do século XIX. A partir de 1820, no entanto, deixou de ser predominante. (cf. ROMERO, 1991: 110)

No ensaio intitulado “The Early American Novel”, o estudioso Jeffrey Rubin-Dorsky (1991) afirma que em suas leituras de romances estadunidenses, ele busca descobrir o que denomina de “voz cultural” do romancista. Rubin-Dorsky entende por voz cultural o processo ou meio através do qual um autor que possui uma consciência social e uma linguagem rica e libertária, apresenta aos seus leitores (embora normalmente fale através de uma *persona*) uma visão moral integrada da sociedade estadunidense. (RUBIN-DORSKY, 1991: 10) Essa voz descrita por Rubin-Dorsky reage contra os agentes de repressão cultural e tem como função primária desmistificar as falsas virtudes, revelando as máscaras daqueles que se disfarçam de honestos, íntegros e autênticos. Seu alvo seria os detentores do poder, a classe privilegiada que busca a manutenção do *status quo* e o silêncio dos menos privilegiados. Rubin-Dorsky afirma que

[e]sse tipo de voz é fundamentalmente moral: aparece em romances que são significantes, ficções que mudam a forma pela qual os leitores vêem ou vivenciam o mundo. Linguagem expressiva e comprometimento estão alinhados, de forma que as personagens alcançam uma consciência moral através do discurso, ou seja; a expressão de verdades pessoais, valores e crenças culmina em um

longo e frequentemente doloroso processo de descoberta.¹⁰ (RUBIN-DORSKY, 1991: 10)

Curiosamente, esse estudioso afirma não existir nenhuma voz cultural nos primeiros romances estadunidenses. Ele enumera algumas razões para tal afirmação: a ausência na narrativa de uma autêntica linguagem nativa (os romancistas escreviam imitando o estilo e estruturas de autores ingleses dos séculos XVII e XVIII), a imaturidade da sociedade estadunidense no campo das letras e artes (tal sociedade se encontrava mais empenhada em construir cidades, estradas, um sistema de transporte do que uma literatura nacional) e o caráter paroquial e didático dos textos que tinham o claro propósito de suscitar desenvolvimento moral nos leitores. (cf. RUBIN-DORSKY, 1991: 11-13) Mais adiante, Rubin-Dorsky afirma que os primeiros romancistas estadunidenses eram demasiadamente conservadores em sua relação com o estado para escreverem verdadeiras críticas sociais. Embora alguns apontassem as desigualdades e contradições de uma sociedade dita igualitária, eles ainda permaneciam leais à retórica da revolução e empenhados em reforçar os ideais da república. (cf. RUBIN-DORSKY, 1991: 14) Portanto, segundo Rubin-Dorsky, os romances estadunidenses

¹⁰ This quality of voice is fundamentally moral: in the novels that really matter, those fictions that change the way readers see or experience their world, expressive language and visionary commitment are aligned so that characters reach moral awareness through acts of speech; that is, the utterance of personal truths, values, and beliefs culminates in the long and often painful process of discovery. Coube-me todas as traduções dos trechos de obras utilizadas nesta dissertação que são citadas a partir do texto original.

escritos bem no início do século 19 são uma mera imitação do romance inglês e não possuem uma voz cultural que os diferencie enquanto reflexo da sociedade estadunidense, não servindo de veículo para uma crítica social.

Quando, então, os romances estadunidenses exercitarão uma crítica à ordem social dominante e buscarão despertar reflexão sobre as relações de poder?

Durante os anos que antecederam a Guerra Civil, alguns autores estavam bastante envolvidos nos assuntos correntes de seu tempo, exercendo forte influência no pensamento contemporâneo da época. Em meados do século XIX, os Estados Unidos tinham pouco mais de setenta anos de independência, um governo escravocrata, genocida e expansionista. Seria justo afirmar que, em geral, aquele quadro era bem distinto dos ideais de liberdade e justiça proclamados pelos fundadores da república. Durante esse período de efervescência política, a literatura ficou mais atenta à realidade do país no que se referia às questões sociais, morais e éticas. Com o fim da Guerra Civil, durante o chamado período da Reconstrução, os Estados Unidos mudaram significativamente. A guerra foi um divisor de águas tanto para a história quanto para a literatura do país. Novos padrões entraram em vigor na prosa estadunidense – como a proposta de descrição da vida realisticamente, com clareza, ordem e economia de palavras. E o

mais importante, autores começaram a incorporar o discurso coloquial (uma sintaxe mais simples) em seus textos.

Além da linguagem coloquial, romances da chamada época da Reconstrução passam a utilizar figuras comuns como personagens. As repercussões sociais da guerra civil encontram representação nessa literatura do final do século XIX e os romances passam a apresentar formas mais variadas e maior conteúdo ideológico. (cf. P. WILSON, 1991:157-159) Portanto, autores da época da Reconstrução tratavam de questões contemporâneas. Vale questionar: qual seria a atmosfera predominante nos Estados Unidos pós-guerra civil? O país passava por um acelerado processo de industrialização com a formação de grandes mercados consumidores. Existia um conflito moral gerado pelos opostos: sociedade consumista desvirtuada *versus* tradição republicana de simplicidade e comensura. O romance realista do século XIX se debruçaria sobre o tema do dinheiro e suas implicações, retratando uma sociedade dominada pelo consumo. (cf. SHULMAN, 1991:188)

1.4.1 O romance sentimental ‘feminino’

Romances escritos por mulheres proliferaram no cenário literário estadunidense em meados do século XIX. Estes foram categorizados por

historiadores literários que lançaram mão dos mais diversos termos: romances sentimentais, romances de formação femininos e romances domésticos. Contudo, ainda que a publicação de romances escritos por mulheres superasse o número de romances publicados por homens, e que algumas autoras tivessem atingido certa independência financeira (jamais alcançada por muitos homens), a ficção feminina foi sistematicamente excluída do seletivo grupo denominado de alta literatura sob a acusação de ser exageradamente sentimental e pouco refinada. (cf. ELLIOTT, 1991: xviii) Data de 1855 a famosa afirmação de Nathaniel Hawthorne que, ao se deparar com o sucesso das romancistas estadunidenses (suas competidoras por um público leitor), escreveu uma carta para seu editor em que afirmava que “[o]s Estados Unidos estão agora completamente entregues a uma maldita horda de mulheres escribas...”¹¹ (citado em ROMERO, 1991: 110) Em parte, a opinião de Hawthorne sobre o domínio das romancistas no cenário literário naquele período é um reflexo da crença difundida em meados do século de que a sociedade estadunidense pré-Guerra Civil era controlada por mulheres, *the feminine fifties* (década de cinquenta feminina). (cf. ROMERO, 1991, 113-114)

A acadêmica Lora Romero (1991) em seu artigo “Domesticity and Fiction” rechaça essa suposta feminização da cultura estadunidense em meados do século XIX e atribui sua causa à grande ascensão da ideologia

¹¹ America is now wholly given over to a damned mob of scribbling women.

doméstica observada durante esse período. Romero associa tal ideologia doméstica a um conceito iluminista adotado por educadores estadunidenses ainda no século XVIII, que acreditavam na suscetibilidade dos jovens às influências e depositavam nas mães a responsabilidade da formação dos futuros líderes das nações. De fato, escritores do início do século XIX representaram as mulheres como as únicas detentoras de virtude da sociedade. Mais tarde, no período pré-Guerra Civil, o culto da domesticidade se apropriou do romance, levando os romancistas (homens) como Hawthorne a crer que a sociedade estadunidense passava por um processo de feminização. Todavia, o mais importante a respeito desses “romances femininos” é que várias romancistas os utilizaram como instrumento de fortalecimento da mulher. A crítica revisionista feminista sugere que algumas escritoras como Louisa May Alcott, por exemplo, codificaram mensagens feministas subversivas em textos que apenas aparentam ser convencionais. (cf. ROMERO, 1991: 113) Ainda mais importante seria o questionamento presente em alguns romances femininos sobre a superioridade da cultura branca. São exemplos os romances *Hobomok* (1824) e *An appeal for the Indians* (1868) de Lydia Maria Child, onde a autora retrata a cultura dos nativos americanos e protesta contra a crueldade da cultura anglo-saxã. (cf. ROMERO, 1991: 123) Tais romances suscitam uma importante discussão acerca de relativismo cultural em uma

sociedade puritana etnocêntrica que historicamente excluiu o Outro como sendo uma espécie de alienígena.

Obviamente, existem vários exemplos de romances estadunidenses do século 19 escritos a contrapelo da ideologia anglo-americana. Este estudo propõe uma leitura de dois em particular: *Who would have thought it?* (1872), escrito por María Amparo Ruiz de Burton e *The Californians* (1898), escrito por Gertrude Atherton. A primeira foi uma das primeiras escritoras mexicanas a escrever romances em inglês nos Estados Unidos e a segunda foi uma escritora estadunidense conhecida por uma série de romances históricos e contos ambientados na Califórnia. Ambas as autoras podem ser consideradas produtos da Califórnia, embora uma seja de origem mexicana e a outra de origem anglo-saxã. Ruiz de Burton era membro de uma elite latifundiária mexicana da Baixa Califórnia que veio para a Alta Califórnia em 1847 (por ter sido destituída de suas terras) para se tornar uma cidadã estadunidense¹².

O romance de Ruiz de Burton retrata as contradições históricas da identidade mexicano-americana. Escrito e publicado em inglês (ainda que muitos de seus protagonistas possuam nomes hispânicos), *Who would have thought it?* nos oferece uma perspectiva histórica sob o ponto de vista de

¹² Maria Amparo Ruiz de Burton tornou-se automaticamente uma cidadã estadunidense, assim como vários outros mexicanos residentes do antigo nordeste mexicano, após ter sido assinado o Tratado de Guadalupe Hidalgo em 1848 – data que marcou o final da guerra entre os Estados Unidos e o México com a perda por parte deste último de metade de seu território.

uma autora mexicana e membro de uma classe dominante que, ao assumir a cidadania estadunidense, se viu reduzida a uma minoria subalterna. O livro narra a história de uma jovem mexicana que é liberta de um cativo indígena no sudoeste dos Estados Unidos e vai morar com uma família na Nova Inglaterra. Segundo Rosaura Sánchez e Beatrice Pita – editoras do livro e pesquisadoras responsáveis pelo resgate do mesmo – este romance leva a mulher da esfera doméstica à esfera pública e ainda o leitor à esfera política – da qual as mulheres do século 19 eram excluídas por não terem direito ao voto ou à ocupação de cargos públicos. (cf. SÁNCHEZ e PITA, EM: RUIZ DE BURTON, 1995: IX-X)

The Californians, de Gertrude Atherton, descreve a vida na Califórnia na virada do século 19 através das experiências de duas jovens: a tímida Magdaléna (filha de um rico espanhol) e a ativa e bela Helena (filha de um empreendedor de São Francisco). Como mencionado antes, Atherton ambientou a maior parte de sua ficção na Califórnia e, como seus romances frequentemente retratam heroínas que buscam uma vida autônoma, a autora criou a imagem da mulher californiana independente, ética e articulada.

Tanto em *Who would have thought it?* quanto em *The Californians* observamos uma contundente crítica ao expansionismo, discriminação e capitalismo da sociedade estadunidense do século XIX. Nas páginas desses romances, o leitor tem acesso à representação de uma sociedade etnocêntrica, oportunista, corrupta e dominada pelo consumo. Além disso,

contrariando a crença de que romances escritos por mulheres não seriam capazes de sustentar uma crítica social, Ruiz de Burton e Atherton transcendem o chamado romance sentimental e doméstico, colocando suas personagens femininas e, por conseguinte, suas leitoras na esfera política dos Estados Unidos do século XIX. Por fim, seria justo afirmar que esses romances buscam assumir uma posição ideológica que é contrária à ideologia anglo-americana predominante em sua época. Ainda mais, eles questionam a prática de culturas hegemônicas (como seria o caso da cultura *anglo* naquele período em que se situam tais romances) que tendem a rejeitar tudo que não atende ao seu padrão etnocêntrico.

CAPÍTULO II

Fronteiras Geográficas e Fronteiras Culturais de Gênero

*Hay tantísimas fronteras
que dividen a la gente,
pero por cada frontera
existe también un puente.*

Gina Valdés

(Em ANZALDÚA, 1987: 85)

Em *Who would have thought it?* (1872) e *The Californians* (1898), romances representantes da literatura escrita por mulheres no final do século XIX, nos deparamos com o elemento fronteira – que se apresenta por vezes como objetivo a ser alcançado, mas também, em outras ocasiões, como um obstáculo a ser vencido. Poderíamos, grosso modo, classificar tais fronteiras em fronteiras geográficas e fronteiras culturais. No âmbito desse trabalho, as fronteiras geográficas são aquelas referentes ao plano expansionista da nação estadunidense que, durante o século XIX, buscou alargar seu território (especialmente rumo ao oeste) para se tornar o país continental que hoje conhecemos. As fronteiras culturais são aquelas resultantes do convívio das culturas hispânica e anglo-americana, que se aproximam, passam a dividir o mesmo espaço geográfico e, por vezes, entram em conflito. Desse terreno cultural, poderíamos ainda destacar as

fronteiras de gênero uma vez que o conceito de gênero é, como sabemos, uma construção cultural.¹³ Portanto, as fronteiras culturais tratadas aqui serão as fronteiras culturais de gênero, ou seja, aquelas que se referem aos papéis sociais comumente atribuídos aos homens e mulheres da sociedade estadunidense da época sob estudo, em que a esfera pública (predominantemente masculina) e a privada (feminina) eram territórios separados, rigidamente demarcados. Meu intuito será discutir como as fronteiras acima descritas são apresentadas nos romances que formam o *corpus* desse estudo. Em que medida essas fronteiras são legitimadas ou, ao contrário, desafiadas e ultrapassadas pelas personagens dos romances em questão?

Em julho de 1893, durante um congresso de historiadores sediado na universidade de Chicago, o então jovem historiador estadunidense Frederick Jackson Turner apresenta o ensaio “O Significado da Fronteira na História Americana” (TURNER, 2004). Nesse trabalho, Turner defende a idéia de que o desenvolvimento dos EUA se deve à ação do homem comum, considerado o principal responsável pela colonização do oeste do país e da região fronteira. Segundo Turner, o papel do oeste para o desenvolvimento da sociedade estadunidense foi essencial, e ele descreve a

¹³ Existe um claro consenso entre os teóricos em relação ao conceito de gênero, ou seja, o termo não se refere à diferença biológica, mas sim à diferença cultural. Desse modo, a questão de gênero tem a ver com construções culturais e sociais de masculinidades e feminilidades. Remeto o leitor interessado no assunto à leitura do artigo “Gender” de Myra Jehlen, no qual a acadêmica argumenta que gênero é uma “idéia cultural”. (cf. JEHLLEN, M, 1995: 264)

formação daquela sociedade através de sucessivas fases observadas a partir da história do próprio oeste.

Em sua teoria, Turner descreve os diversos estágios da história do oeste e os associa à história do seu país, destacando como personagem principal o homem comum. Primeiro, verificamos a ação do caçador de peles: o responsável pelo desbravamento daquela terra incógnita (*wilderness*). Em seguida, Turner discute a ação do pioneiro que se estabelece em pequenas fazendas; e, por último, a ação do homem de negócios que implanta ferrovias e indústrias. A interpretação de Turner para a história dos EUA é inovadora para a época, no sentido de atribuir à ação do homem comum a responsabilidade pelo desenvolvimento de uma nação. Por outro lado, reforça o já tão discutido mito do oeste¹⁴ e termina por legitimar discursos hegemônicos como o do Destino Manifesto (previamente discutido no primeiro capítulo desse trabalho). Como é vista a questão da fronteira do oeste nos romances *Who would have thought it?* e *The Californians*? Seria possível identificar discursos contrários a esse mito do oeste exaltado por Turner?

2.1 O Oeste de *The Californians*

¹⁴ Versão romantizada da história dos EUA na qual a civilização avançava rumo ao oeste selvagem trazendo enormes benefícios à região, desconsiderando a extrema violência resultante desse expansionismo como o genocídio de nativos americanos e a anexação de metade do território mexicano após a guerra entre México e Estados Unidos.

Em *The Californians*, o oeste estadunidense, ou mais especificamente o estado da Califórnia e a cidade de São Francisco, são descritos de maneira bucólica e romantizada em várias ocasiões. Em uma passagem no início da narrativa, a personagem Helena arrasta sua amiga Magdaléna (e nós leitores junto com ela) para a varanda da casa da última, onde, vislumbrando a baía de São Francisco, a personagem declara que “[n]ão há nada no mundo tão belo quanto a Califórnia”. “Incluindo São Francisco, apesar de seus redemoinhos de areia, casas e calçadas de madeira e ruas de pedra.”¹⁵ (ATHERTON, 1898: 4)

Ao longo do romance, declarações como esta encontrarão eco em várias outras personagens que tratarão de exaltar a Califórnia como se fora a terra prometida. De fato, há uma visão idílica da Califórnia no romance, especialmente quando as personagens comparam a Califórnia do passado (antes da chegada do “gringo”) com a Califórnia do tempo presente da narrativa. Contudo, ainda que as personagens expressem visões romantizadas sobre a Califórnia, poderíamos considerar que, ao questionar os benefícios dos ditos tempos civilizados com a chegada dos estadunidenses, elas terminam por reverter o mito do oeste exaltado por Turner. Desse modo, encontramos a protagonista Magdaléna em um

¹⁵“There’s nothing in all the world”, announced Helena, “so beautiful as California - San Francisco included in spite of whirlwinds of dust, and wooden houses, and cobblestone streets, and wooden sidewalks.”

discurso contra-hegemônico ao declarar que “a Califórnia não tem nenhum defeito. Foi a civilização que a estragou.”¹⁶ (ATHERTON, 1898: 150)

A família Yorba, a qual pertence a protagonista do romance *Magdaléna*, esteve presente na Califórnia desde sua origem, quando aquela terra ainda pertencia à Espanha. As terras pertencentes à família – 3 mil acres – haviam sido concedidas pela coroa espanhola há muitas gerações atrás. Os Yorba são, portanto, verdadeiros *californios*. No entanto, será outra Magdaléna (não nossa protagonista) que desempenhará o papel de memória viva dos *californios*: tia Magdaléna. Atuando como uma espécie de voz representativa dos *californios*, tia Magdaléna é a contadora de histórias que preserva a tradição e costumes de sua cultura. Como uma forma de protesto, tia Magdaléna abandona São Francisco e se isola em Santa Bárbara, cidade situada no sul da Califórnia e mais próxima do México. Segundo o ponto de vista de tia Magdaléna, a Califórnia e seus antigos moradores (em especial a elite representada pelos *californios*) perderam não apenas o poder, mas também sua originalidade desde a chegada dos estadunidenses. Nesse sentido, a idéia de que a ‘civilização’ fora trazida àquela região através do expansionismo estadunidense é questionada, pois tia Magdaléna atribui aos estadunidenses a marginalização de um estilo de vida, de valores culturais e até mesmo de

¹⁶ “California is faultless ; it is civilisation that has spoilt her.”

uma língua. Em uma clara postura de protesto, tia Magdaléna se recusa a falar inglês, preferindo se expressar sempre em seu idioma nativo: o espanhol. A raiva e ressentimento dessa personagem em relação aos estadunidenses se refletem primeiro em seu exílio em Santa Bárbara, onde não estaria em contato com seu esposo Polk, a quem tia Magdaléna desprezava ferozmente por ter sido submetida a um casamento de conveniências. Tia Magdaléna expressa ainda oposição aos estadunidenses ao rejeitar seu idioma, para ela o idioma do invasor e opressor, que subtraía dos *californios* suas terras, seu estilo de vida, sua dignidade e, sobretudo, sua voz.

A personagem que faz contraponto a tia Magdaléna é o estereotipado ianque capitalista Polk¹⁷. Ironicamente, Polk e tia Magdaléna se casam devido aos interesses do irmão da última (Don Roberto), reforçando a recorrente estória da jovem e bela mexicana que se casa com o ianque para garantir proteção para sua família. Obviamente, a visão de Polk no que diz respeito à Califórnia é a de rica terra a ser explorada por indivíduos empreendedores como ele próprio. Encontramos essa personagem prevendo o destino da Califórnia quando esta acabara de se tornar propriedade dos EUA (1848) em uma conversa com Don Roberto:

¹⁷ Houve um verdadeiro Polk na história política dos EUA: o democrata James Polk. Presidente dos EUA entre 1845 e 1848, ele foi responsável pela expansão do país rumo ao oeste, tendo sido a expansão territorial o aspecto marcante de seu governo. Cf. UOL Educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u13.jhtm>> Último acesso: 09/01/2010

Se você ficar do meu lado, eu também ficarei do seu lado. Quero dizer, para ganharmos dinheiro. E eu não me importo em fazer o que for preciso para isso. (...) Já aprendi um pouco sobre essa terra. Simplesmente magnífica. Em breve, os americanos virão aos montes. Eles já começaram a vir.¹⁸ (ATHERTON, 1898:12)

Nessa passagem, Polk e Don Roberto firmam uma parceria que perdurará por toda uma vida. Um acordo que visa ao enriquecimento desmedido, sem quaisquer restrições de ordem legal ou moral. Sob a influência de Polk, Don Roberto abandonará quaisquer alianças com seus conterrâneos, e passará por um processo de ‘americanização’, chegando a hastear a bandeira dos EUA em seu escritório como um símbolo de seu desejo de pertencimento. Don Roberto irá internalizar costumes e valores da sociedade anglo, adotando uma postura de superioridade e desprezo por sua própria gente.

Como vemos, o romance *The Californians* possui personagens que se contrapõem (tia Magdaléna de um lado, e Polk e Don Roberto de outro) e interpretam a Califórnia de maneira bastante distinta. Enquanto fronteira conquistada pela nação estadunidense, a Califórnia de tia Magdaléna é retratada como terra profanada e desvirtuada, enquanto que na visão de Polk e Don Roberto seria uma terra de oportunidades.

¹⁸ “If you’ll stand by me, I’ll stand by you. I mean to make money, and I don’t much care how I do make it (...) (...)I’ve seen more or less of this country. It’s simply magnificent. Americans will be swarming over the place in less than no time. They’ve begun already. “

O romance faz ainda várias referências a um fato histórico ocorrido na Califórnia: a corrida do ouro. Na passagem seguinte, uma personagem chamada senhor Fort narra o que representou a corrida de ouro para o estado:

A Califórnia é a princesa de seu país, disse Fort. Quando ela nasceu, as fadas vieram e lhe presentearam com dons imortais. Então, uma bruxa veio e transformou o esqueleto de seu belo corpo em ouro, e daí a princesa que tinha nascido como uma benção para a humanidade carregava escondida dos olhos humanos uma maldição. Os homens vieram beijá-la, ficaram e rasgaram sua carne com seus dentes. Quando seu esqueleto for destroçado até a última costela, o feitiço da bruxa será quebrado e a Califórnia será a mãe mais benevolente que a humanidade já conheceu.¹⁹ (ATHERTON, 1898: 171)

A análise de Fort sobre a corrida do ouro – que resultou em uma migração em massa para a Califórnia a partir de 1849 – não é das mais positivas. Ainda que a personagem fale através de metáforas e utilize em sua descrição vocabulário de contos de fadas, a idéia que permanece é a de violação e destruição. E muito embora essa personagem não seja de origem hispânica (sendo esses os que mais se ressentem com a chegada dos estadunidenses), seu sentimento é de pertencimento àquela terra como se

¹⁹ “California is the Princess Royal of her country, said Fort ; and at her birth all the good fairies came and gave her of every gift in the stores of the immortals. Then a wicked fairy came and turned the skeleton in her beautiful body to gold ; and, lo ! the princess who had been fashioned to bless mankind carried, hidden from sight by her innocent and beneficent charms, a terrible curse. Men came to kiss, and stayed to tear away her flesh with their teeth. When her skeleton has been torn forth, even to the uttermost rib, then the spell of the wicked fairy will be broken, and California be the most gracious mother mankind has ever known.”

fora ele também um legítimo *californio*. Sua visão é de dentro para fora; ou seja, ele olha a partir da Califórnia para o resto do país (ou mundo).

Seria importante ainda averiguarmos qual seria a visão do resto do país com relação à Califórnia. A personagem Trennahan, descrita como um homem viajado e habitante da costa leste dos EUA nos oferece uma noção quando afirma que “não se ouve falar da Califórnia em Nova Iorque todo mês.” (ATHERTON, 1898: 215) De forma irônica, Trennahan enfatiza a ignorância dos estadunidenses do leste em relação à Califórnia dizendo que “a Califórnia poderia ser em Marte, pois o leste lembra a existência dela tanto quanto a Europa lembra a existência dos Estados Unidos.” (ATHERTON, 1898: 215) Vale lembrar que o romance foi publicado em 1898 e ainda que não sejam apresentados marcadores de tempo exatos, algumas pistas situam a narrativa nas últimas décadas do século 19. Portanto, nessa passagem do romance, vemos a fronteira do oeste aproximadamente 50 anos após sua conquista ser de certo modo menosprezada pelo intelectualizado e puritano leste estadunidense.

Neste sentido, cabe o contraste entre essas visões *californias* e a visão da costa leste dos EUA, representada no romance *Who would have thought it?*, uma vez que sua narração se situa na Nova Inglaterra durante a guerra civil e período de reconstrução.

2.2 O Oeste em *Who would have thought it?*

Ainda no primeiro capítulo de *Who would have thought it?*, a Califórnia é retratada como terra inóspita e selvagem, segundo a visão da personagem senhora Cackle. Ao comentar sobre a viagem do doutor Norval à Califórnia e de sua captura por “nativos” (ela queria dizer nativos americanos que habitavam próximo ao rio Colorado), a senhora Cackle expressa desconhecimento e preconceito em relação ao oeste estadunidense. Ao ser alertada sobre o cuidado que deveria ter na utilização do termo “nativo”, pois esse termo poderia também remeter aos californianos de ascendência hispânica, ela dispara: “ Para mim, eles todos são a mesma coisa. Indígenas, mexicanos ou californianos são todos horríveis.” (RUIZ DE BURTON, 1995:11) ²⁰ Logo a seguir, a senhora Cackle aborda ainda uma questão bastante delicada quando relacionada ao oeste estadunidense e, em particular, os californianos: terra. “Meu filho Beau disse que nossas leis justas e nossos advogados inteligentes logo os neutralizarão. Disse que tão logo lhes tiremos suas terras, não ouviremos mais falar deles (...)”. (RUIZ DE BURTON, 1995:11)²¹ Desse modo, vemos o anglocentrismo do leste

²⁰ “To me they are all alike – Indians, Mexicans, or Californians – they are all horrid.”

²¹ “But my son Beau says that our just laws and smart lawyers will soon ‘freeze them out’. That as soon as we take their lands from them they will never be heard of anymore (...)”

dos EUA expresso na fala dessa personagem, que é uma legítima representante da classe média puritana da Nova Inglaterra.

A personagem principal de *Who would have thought it?* é a jovem mexicana Lola Medina, que acabou de ser liberta de um cativo imposto por nativos americanos do sudoeste dos EUA, indo morar com uma família puritana da Nova Inglaterra. Através dessa personagem, Ruiz de Burton irá discutir história nacional, questões de identidade e choque cultural. O oeste que aparece nesse romance é ainda uma terra selvagem que representa perigo aos que se arriscam por lá – como o doutor Norval, mencionado anteriormente. Além disso, todos os nativos da Califórnia (independente de origem étnica) seriam estranhos àquela sociedade elitizada da costa leste e sofreriam forte discriminação como acontecerá com a protagonista Lola.

No prefácio de *Borderlands – La Frontera*, Gloria Anzaldúa explica as diversas fronteiras (psicológicas, sexuais e espirituais) que podem existir em qualquer sociedade. Indo além das fronteiras estáticas especificadas pela geografia, Anzaldúa aborda em seu livro outras fronteiras que não podem ser vistas a olho nu, mas que podem ser sentidas: as fronteiras culturais. Ela explica que essas fronteiras surgem cada vez que duas ou mais culturas se aproximam ao ocupar o mesmo território geográfico e indivíduos pertencentes a culturas distintas tem que conviver. Mais adiante, afirma que

“a cultura é feita por aqueles que estão no poder – os homens.”²² (ANZALDÚA, 1987: 16) Às mulheres caberia o papel de transmiti-la às futuras gerações. Aqui ela remete, no meu entender, ao que previamente classifiquei como fronteiras de gênero, pois sua afirmação parece se referir aos papéis sociais convencionalmente atribuídos aos homens e às mulheres. Embora a afirmação de que a cultura seja determinada por homens me pareça deveras radical para os tempos atuais, concordo com Anzaldúa quando ela sugere que as mulheres, independentes à qual cultura pertençam, se deparam com mais frequência que os homens com fronteiras a ser vencidas. Isso é particularmente verdadeiro quando falamos na mulher do final do século 19, retratada pelas personagens femininas dos romances em questão. Essas mulheres se deparam, por exemplo, com a fronteira existente entre as esferas privada e pública.

A partir de agora, passarei a discorrer sobre a forma como essas fronteiras de gênero são apresentadas nos romances *Who would have thought it?* e *The Californians*, a partir da interação das personagens, buscando enfatizar passagens nas quais essas fronteiras são desafiadas e, eventualmente, transpostas.

2.3 Fronteiras de gênero em *The Californians*

²² Culture is made by those in power – men.

Ela afundou na cadeira encostada na parede e chorou muito. Aquelas seriam as últimas lágrimas que derramaria pelos seus ídolos deposedos. Quando o acesso de choro passou, ela refletiu que estava contente por saber do sofrimento de seu povo. Seria sua missão de vida ajudá-los. Quando vivesse por conta própria, ela compraria um pequeno rancho para cada um deles e asseguraria que eles passassem o resto de suas vidas em conforto.²³
(ATHERTON, 1898: 345)

As personagens femininas pertencentes à alta classe em *The Californians* são limitadas quanto à sua liberdade. Mesmo sua mobilidade é permanentemente cerceada por uma autoridade masculina – pai ou marido – que determina por onde elas circulam. Obviamente, por estarem literalmente confinadas ao espaço doméstico, elas encontram resistência ao tentar ser mais ativas na sociedade. Ainda assim, há ocasiões em que personagens como tia Magdaléna, Helena e mesmo a protagonista Magdaléna rompem a fronteira que separa o espaço doméstico e público, alcançando algum benefício pessoal com sua transgressão.

²³ She sank into a chair against the wall and wept heavily. They were the last tears she shed over her fallen idols. When the wave had broken, she reflected that she was glad to know of the distress of her people ; it should be her lifework to help them. When she came to her own she would buy them each a little ranch and see that they passed the rest of their lives in comfort.

Tia Magdaléna (também chamada no romance de senhora Polk) e a mãe da protagonista (senhora Yorba) são mantidas por seus respectivos maridos numa “decente reclusão maior do que é habitual aos habitantes de São Francisco.”²⁴ (ATHERTON, 1898:18) A senhora Yorba (nascida na Nova Inglaterra), que demonstra possuir uma personalidade fria e um senso prático incomum, parece não se incomodar muito com essa reclusão. Por outro lado, tia Magdaléna, que possui um violento temperamento espanhol, rejeita se submeter ao domínio de seu marido e se muda para Santa Bárbara, onde desfruta de uma vida mais bucólica e, de certo modo, mais autônoma. Na verdade, Santa Bárbara representa uma espécie de refúgio para tia Magdaléna, pois essa cidade lhe traz lembranças de tempos passados quando a Califórnia pertencia ainda aos *californios* de origem hispânica. Em Santa Bárbara, lugar onde seu marido Polk lhe comprara uma velha casa, tia Magdaléna “prolonga mais sua estada a cada ano numa cidade onde as memórias eram ainda sagradas”.²⁵ (ATHERTON, 1898:56) Talvez o fato de uma das primeiras missões da Coroa Espanhola ter se estabelecido em Santa Bárbara possa ser associado ao intenso elo que essa personagem tenha com o lugar. Isso representaria uma associação com suas origens espanholas.

²⁴ (...) and they kept their mistresses in more decent seclusion than is the habit of the average San Franciscan.

²⁵ (...) and each year she extended the limit of her sojourn in a town where memories were still sacred.

A personagem Helena, órfã de mãe e filha de um rico empreendedor estadunidense, é a melhor amiga da protagonista Magdaléna. Ao contrário de Magdaléna que tem grande respeito e teme em excesso seu pai Don Roberto, Helena chama seu pai pelo primeiro nome e o manipula segundo seus desejos. A descrição que temos de Helena é de que ela é uma jovem de beleza singular, dotada de uma forte personalidade e de um incomum desejo de quebrar regras. Helena é a única jovem do seu meio que dirige carruagens, anda em público sozinha e trata seus admiradores com certo ar de desprezo. Ela ridiculariza os sentimentos dos homens que por ela se apaixonam e não se importa em ferir seus sentimentos. Afinal, diz Helena, “os homens esperam ganhar alguns arranhões pelo privilégio de nos (as mulheres) conhecer”.²⁶ (ATHERTON, 1898:185)

O comportamento transgressivo de Helena nos é revelado desde o início da narrativa, quando ela leva sua amiga Magdaléna para assistir a um incêndio em uma vizinhança pobre de São Francisco.²⁷ Ao deixar o bairro luxuoso onde moram, transitar por vizinhanças pobres e se misturar ao povo menos privilegiado, Helena e Magdaléna rompem a redoma que as mantêm em um mundo ideal, longe da realidade que as cerca. Para que as jovens

²⁶ Men expect to get a scratch or two for the privilege of knowing us.

²⁷ Como se sabe, incêndios eram e ainda são frequentes na Califórnia devido às altas temperaturas do verão. Atualmente, incêndios florestais são comuns durante o verão na Califórnia e, embora em raras ocasiões, alguns deles chegam a atingir áreas urbanas, causando o desalojamento de milhares de pessoas. Na época narrada no romance, as casas eram ainda de madeira o que contribuía para a proliferação do fogo.

ricas se misturem na multidão sem serem percebidas, Helena sugere que elas se vistam como homens. Em uma época em que jovens senhoritas de classe alta não circulavam pelas ruas sozinhas, muito menos travestidas de homens, a aventura das jovens resulta em punição para Magdaléna. Ao serem descobertas por um guarda e levadas a um posto policial por estar na rua vestidas como homens, Helena se mostra “dona da situação”, falando com autoridade em meio a policiais brutos. (cf. ATHERTON, 1898: 41-43). Todo o episódio servirá de diversão para Helena, que não sofrerá qualquer punição de seu pai. Ao contrário de Magdaléna, que cultua uma culpa cristã e contará ao seu pai o infeliz episódio, imediatamente, Helena esconderá o ocorrido até a véspera de sua viagem à Nova Iorque prevendo que seu pai se sentirá tão triste com sua partida que sequer se zangará com ela²⁸. O sentimento que Magdaléna expressa ao ser presa pelo policial é de grande medo, pois “mesmo naquele momento terrível, ela temia ao seu pai e não a lei.”²⁹ (ATHERTON, 1898:39) De fato, ela será punida física e psicologicamente por Don Roberto. No entanto, o episódio resultará em transformações pessoais na nossa protagonista. Ela própria concluirá mais tarde que “sua vida interior passou por turbulências desde aquela noite”.³⁰ (ATHERTON, 1898:302). Ao ter contato com a pobreza pela primeira vez,

²⁸ Assim como em *Who would have thought it?*, esse romance apresenta Nova Iorque como centro comercial, financeiro e cultural que começa a atrair os estadunidenses que se dirigem para lá com diversos fins. No caso da personagem Helena, a cidade será um símbolo de consumo e diversão.

²⁹ Even in that awful moment it was her father she feared, not the Law.

³⁰ Her inner life had undergone many upheavals since that night (...)

Magdaléna começa a refletir sobre questões de classe e, posteriormente, questionará também a subjugação imposta pelos estadunidenses à sua gente.

Como uma espécie de antecessora da protagonista de Toni Morrison (Pecola Breedlove) em *The bluest eye* que deseja ter olhos azuis, Magdaléna reza aos pés da virgem para que esta a torne bela antes que ela complete dezoito anos. O amadurecimento e as leituras na biblioteca comercial a tornarão menos crente em milagres, bem como mais dotada de um senso crítico aguçado.

A primeira incursão de Magdaléna no mundo da pobreza ocorrera durante o episódio do incêndio. Naquela ocasião, ela havia visto de perto prostitutas, mendigos e os desabrigados que perderam suas casas no incêndio. Esse primeiro contato com o mundo dos excluídos lhe deixou a sensação de que “ela jamais poderia ser feliz novamente com tanta miséria no mundo”.³¹ (ATHERTON, 1898:38) Bem mais tarde, Magdaléna ultrapassará os limites da ‘redoma ideal’ de seu luxuoso lar para descobrir os submundos de São Francisco, ao fugir de casa durante uma espécie de colapso nervoso. Esse episódio representa para Magdaléna não apenas a fuga do ambiente físico do lar, lugar repressivo sob o domínio da figura paterna, mas também um encontro com sua subjetividade. Nas ruas de São Francisco, ela está inteiramente sozinha, vulnerável, mas capaz de enxergar a si mesma em oposição ao Outro. Pela primeira vez, Magdaléna lança um

³¹ (...) she could never be happy again with so much misery in the world.

olhar autônomo sobre o mundo que a cerca, reflete sobre o lugar que ocupa naquela sociedade e exercita sua função de sujeito. Semelhante a um *flanêur*, o qual é bem lembrado por Walter Benjamin, quando analisou esta figura na Paris do século XIX³², Magdaléna perambula pelas ruas de São Francisco, observando a tudo e a todos, registrando, analisando a realidade na qual está inserida. A rua se torna sua casa.

O principal motivo da fuga de Magdaléna é um incontrolável desejo de matar seu pai e, desse modo, livrar a ela mesma e sua mãe de seu implacável domínio. Ela chega a abrir a gaveta de um móvel em seu quarto onde guarda uma adaga, concebendo a idéia de descer até o escritório do pai e matá-lo com um mortal golpe no pescoço. Afinal, “ele era o responsável por sua desgraça.”³³ (ATHERTON, 1898:326) Portanto, para fugir de seu desejo de matar, Magdaléna foge de casa. Durante esse episódio de *flânerie*, Magdaléna sai de casa ao anoitecer durante um forte vendaval. Sua primeira ação ao por os pés na rua é xingar alto, em inglês e espanhol, até se sentir exausta, até que seu desejo criminoso a abandone. Em seguida, ela decide caminhar até o amanhecer. Magdaléna vê pessoas (economicamente menos privilegiadas) através das janelas das casas e as

³² Remeto o leitor interessado na figura do *flanêur* discutida por Benjamin à leitura de “A Paris do segundo império em Baudelaire” e, em especial, a parte intitulada “O flâneur”. (cf. BENJAMIN, 1985: 44-122) Neste trabalho, o filósofo aborda a figura do flâneur e o descreve como uma espécie de testemunha das transformações urbanas ocorridas nas grandes cidades européias do século XIX. A diferença é que no caso de Magdaléna, a transformação ocorrerá no íntimo da personagem como se o mundo exterior a levasse a descobrir seu próprio mundo interior.

³³ He was the author of all her misery (...)

compara com as pessoas do seu meio. Conclui que, apesar dessas diferenças sociais, elas parecem estar mais vivas e, certamente, têm mais liberdade que ela própria. Observar o Outro faz Magdaléna refletir sobre si mesma. Questionando sua identidade, ela pensa: “(n)ão sou nada, nem para mim mesma, nem para ninguém.”³⁴ (ATHERTON, 1898:330) A partir dessa constatação, que funcionaria como uma espécie de momento epifânico da personagem, a subjetividade de Magdaléna começará a se construir.

Magdaléna penetrará em ‘território estrangeiro’ – ou seja, em uma área da cidade associada à criminalidade onde terá contato pela primeira vez com figuras estranhas ao seu meio: homens de diversas nacionalidades quase todos bêbados, prostitutas e mendigos. Ao ser agarrada por um russo loiro no meio da rua e escapar graças a uma briga de facas que se inicia, chamando a atenção de todos, Magdaléna pensa que aquele estranho fora o único homem que expressara desejo por ela até então. No bairro espanhol, do qual ela ouvira falar e o imaginara repleto de jovens belos e bem vestidos, ela encontra apenas homens e mulheres envelhecidos. Depois de vagar por diversas ruas, Magdaléna sobe uma colina e senta no topo dela sob as estrelas, respirando a brisa marinha que vem da baía. Começa a refletir sobre sua vida. Decide permanecer lá até o amanhecer, livre da “prisão mal ventilada que ela chamava de lar”.³⁵ (cf. ATHERTON,

³⁴ I am nothing, she thought; neither to myself, nor to any one else.

³⁵ (...)the ill-ventilated prison which she called her home.

1898:336) A experiência de Magdaléna ao circular, observar e provar do mundo exterior, tão estranho e distante de seu mundo doméstico, a tornará mais consciente das diferenças existentes na sociedade, despertando nela um desejo de mudança. Mais tarde, essa conscientização inicial se revelará no desejo de ajudar sua gente, ou seja, os *californios* que foram destituídos de suas terras com a chegada dos estadunidenses. Ao se familiarizar com o sofrimento de tantos *californios*, Magdaléna afirma que será sua missão ajudá-los. Decide que quando tomar posse da riqueza de seu pai, “comprará um pequeno rancho para cada um deles e se certificará que eles passem o resto de suas vidas vivendo confortavelmente.”³⁶ (ATHERTON, 1898: 345)

A preocupação de Magdaléna com sua gente, a intenção de livrá-los de sua dor, apesar de suas limitações de atuação, se assemelha aos esforços de uma personagem de *Who would have thought it?:* Lavínia Sprig. Contudo, ao contrário de Magdaléna que terá que esperar para atuar em seu meio, Lavínia terá a oportunidade de fazê-lo imediatamente, devido ao estado de exceção deflagrado pela guerra civil estadunidense.

2.4 Fronteiras de gênero em *Who would have thought it?*

³⁶ When she came to her own she would buy them each a little ranch and see that they passed the rest of their lives in comfort.

A partir daquele dia, ela ficou ainda mais convencida que damas da sociedade que tivessem inteligência e bom coração eram absolutamente necessárias à causa de seu país.³⁷ (DE BURTON, 1995: 129)

Como já foi mencionado anteriormente, a narrativa de *Who would have thought it?* se inicia durante o período imediatamente anterior à Guerra Civil, prosseguindo até o chamado período de reconstrução. Considerando que romances podem recriar através de representação a visão de uma sociedade de determinada época, *Who would have thought it?* foca nos conflitos étnico-culturais e ideológicos da sociedade estadunidense pré-guerra civil, bem como no impacto de tais conflitos naquela nação que passa por um processo de modernização. O cenário é a Nova Inglaterra, que se localiza na costa leste do país, sendo considerada na época um centro intelectual e abolicionista.

As mulheres de classe média da Nova Inglaterra são representadas no romance pela personagem Lavínia Sprig, por exemplo. Através dessa personagem, Ruiz de Burton retrata em seu romance como as mulheres daquela época tiveram acesso à esfera pública por causa da guerra, tornando-se enfermeiras em hospitais ou mesmo sendo forçadas a lidar com questões burocráticas nas instituições governamentais. Desse modo, o

³⁷ She became from that day more firmly convinced than ever that *ladies* with hearts and brains were absolutely necessary to her country's cause.

simples transitar em locais públicos representou para a mulher dessa época uma importante interação com o mundo exterior, ou seja, foram eliminadas barreiras que restringiam sua mobilidade. Portanto, seria justo afirmar que, ao contrário do grande número de romances domésticos que reforçam o culto à domesticidade, *Who would have thought it?* transgride os padrões do gênero ao inserir a mulher na esfera pública.

Lavínia, “uma senhora da Nova Inglaterra treinada para cumprir suas obrigações sem se importar o quanto dolorosas elas sejam”³⁸, assume o papel de enfermeira em um hospital militar em Washington. (DE BURTON, 1995: 86) Sendo responsável por uma ala do hospital, Lavínia a administra como se fora seu ‘lar’. De certa forma, o hospital representa um segundo ambiente doméstico para a mulher, que não deixa de exercer sua função mais primordial na época: ‘cuidar do lar’. Por outro lado, Lavínia faz uso da sua maior mobilidade e interação para obter informações a que nunca teria acesso estivesse ela confinada ao ambiente doméstico. Ela quer descobrir o paradeiro de seu irmão Isaac, que se tornara prisioneiro de guerra do exército confederado e sobre o qual a família não tem notícias há anos. Para tanto, ela questiona os soldados feridos que estão sendo tratados no hospital. Além disso, ela também recorre ao ministério da guerra para que a instituição atue pela libertação de seu irmão, através da política de trocas de prisioneiros. Portanto, a personagem Lavínia é uma mulher de

³⁸ (...) a New England lady trained to do her duty no matter how painful(...)

iniciativa que transita por diversos meios (social, político e até militar) sendo bastante ativa na sociedade de sua época.

É exatamente no meio político, através do olhar da personagem Lavínia, que observamos as críticas presentes no romance às políticas governamentais, ao oportunismo existente durante o período de guerra e à posição marginal da mulher naquela sociedade. Tendo suas expectativas frustradas em relação à libertação do seu irmão junto ao departamento de guerra e também ao observar a corrupção desmedida no meio político da época, Lavínia questiona os ideais de justiça, igualdade e democracia de seu governo. Se antes da guerra Lavínia havia lido e acreditado “nos discursos políticos feitos durante o período de eleição”³⁹, agora ela começa a suspeitar de quaisquer discursos dominantes de igualdade, desenvolvendo uma consciência crítica de sua posição na sociedade e das relações de poder – como podemos observar na seguinte afirmação: “Que desgraçada e impotente é a mulher mesmo nesse nosso país de gloriosa igualdade!” (DE BURTON, 1995:106) Essa personagem cresce na narrativa à medida que vai obtendo mais acesso a esfera pública, vindo a construir primeiro sua individualidade e, posteriormente, uma identidade de classe que a conduzirá a uma posição mais crítica e possivelmente transformadora da sociedade na qual vive. Ainda que essa personagem não seja exatamente a representação de uma feminista, Lavínia se torna simultaneamente mais atuante e

³⁹ What a miserable, powerless thing woman is, even in this our country of glorious equality!

consciente do papel das mulheres. (cf. SÁNCHEZ e PITA. Introdução a DE BURTON, 1995: xxxvii)

Como vimos, algumas personagens de *The Californians* como tia Magdaléna, Helena e a protagonista Magdaléna, assim como a personagem Lavínia Sprig de *Who would have thought it?* buscam assumir certa autonomia e meios de atuação na sociedade em que convivem. As épocas representadas nesses romances – que seriam principalmente o período de reconstrução em *Who would have thought it?* e as últimas décadas do século XIX em *The Californians* – não seriam exatamente épocas de grande liberação feminina. As mulheres ainda não haviam sequer conquistado o direito ao voto.⁴⁰ Contudo, já haviam alcançado maior mobilidade social como resultado de uma época marcada pelo consumismo, bem como maior acesso à dita esfera pública.

⁴⁰ Em 1848, a Convenção dos Direitos Femininos, realizada em Nova Iorque, publicou a “Declaração de Sentimentos” (do inglês “Declaration of Sentiments”), na qual defendia o direito de voto para as mulheres. No entanto, as mulheres apenas conseguiram o direito ao voto nos Estados Unidos em 1920. Disponível em: <<http://www.infoplease.com/ipa/A0875901.html>>. Último acesso: 15/11/2009

CAPÍTULO III

Por Isso Não Provoque, Não é Exatamente Cor-de-Rosa-Choque: Olhar Crítico Feminino em *Who would have thought it?* e *The Californians*

No capítulo I do presente trabalho, foi brevemente discutido o romance escrito por mulheres no século XIX. Afirmou-se que *Who would have thought it?* e *The Californians*, apesar de poderem ser considerados romances sentimentais, poderiam servir de instrumento para uma crítica política e social ao transcender a forma padrão do gênero. Nestes dois romances publicados nas últimas décadas do século XIX, há comentários sobre corrupção política, usurpação de terras, irregularidades na justiça e enriquecimento ilícito, entre outros. Baseando-me nesse conteúdo social e político comentado nas entrelinhas desses romances é que buscarei demonstrar como eles representam uma contra-escritura do romance sentimental.

Na introdução de *Who would have thought it?*, Rosaura Sánchez e Beatrice Pita afirmam que o texto é, na verdade, uma paródia do romance sentimental do início do século XIX e do romance doméstico de meados do mesmo século. Sánchez e Pita enfatizam que por paródia, devemos ter em

mente as definições de Linda Hutcheon para o gênero: “repetição com diferença” ou “imitação com distanciamento crítico irônico”. (cf. SÁNCHEZ e PITA. Introdução a DE BURTON, 1995: x) Em seu romance, Ruiz de Burton utiliza a paródia para criticar a sociedade estadunidense da época pré-guerra civil e período de reconstrução. Embora encontremos em *Who would have thought it?* a estória romântica da jovem órfã que passa por severas atribulações até chegar a um final feliz, a narrativa é recorrentemente interrompida para dar lugar a comentários da narradora – que dispara uma feroz crítica à classe política corrupta, à sociedade etnocêntrica nortista dos EUA e aos discursos ideológicos dominantes da época.

The Californians, por sua vez, apresenta uma aparência mais convencional, podendo ser à primeira vista identificado como mais um romance sentimental no qual a jovem protagonista atravessa diversas dificuldades, sofre por amor e, por fim, alcança um merecido final feliz ao lado de seu ‘príncipe encantado’. Contudo, por trás dessa aparente convencionalidade, também encontramos neste romance uma voz que denuncia e reage ao poder dominante. A narrativa acontece numa Califórnia posterior à anexação e corrida do ouro. No entanto, o romance faz alusão a fatos históricos de forma recorrente, entrelaçando passado e presente, suscitando reflexões. Uma das questões cruciais do romance é a usurpação de terras de *californios* feita arbitrariamente pelos estadunidenses após a

anexação da Califórnia. Em *Occupied America – A History of Chicanos*, Rodolfo Acuña denuncia como os mexicanos foram silenciados através da violência pelo novo governo estadunidense após a anexação da Califórnia. Acuña afirma que os mexicanos tinham acesso limitado à lei, pois não podiam fazer parte de um júri ou servir de testemunha, além de dispor de pouco capital para acionar a Justiça. Como resultado, eles “foram forçados a deixar suas terras por meio de flagrantes violações do Tratado de Guadalupe Hidalgo.” (ACUÑA, 1988: 108)

Outro aspecto a se salientar é a existência no romance de uma crítica à submissão imposta pelos estadunidenses aos mexicanos no que se refere às práticas sociais e culturais. Acuña fala de “um controle social que era mantido através da aceitação de inferioridade dos mexicanos” (ACUÑA, 1988: 108) ao descrever a época imediata à anexação da Califórnia. Mexicanos eram linchados e aterrorizados por posseiros e milícias formadas por estadunidenses, sem que o governo atuasse na contenção daquela violência indiscriminada. Aqui residiria o início da formação de uma minoria subjugada e excluída de mexicanos, uma ‘subclasse’ que se perpetuaria até os dias atuais. Em *The Californians* podemos identificar um discurso de hispanidade que contraria o discurso de excepcionalidade –e, por extensão, de superioridade – da cultura estadunidense. *Californios* são reverenciados como legítimos donos da Califórnia, suas tradições são

enaltecidas e preservadas numa tentativa de restituição, ao menos no universo ficcional, do que lhes sempre foi de direito.

Muito embora não seja função da literatura representar a história, muitos escritores apresentam em seus textos uma visão, uma mensagem ou atmosfera que tem relação com o contexto histórico da época em que tais textos foram produzidos. Obviamente, não se trata de afirmar aqui que a literatura tenha qualquer obrigação com o referencial. Ainda assim, nesses dois romances escritos por De Burton e Atherton, é possível identificar o que poderíamos chamar de impressões históricas de um determinado período ou época. Desse modo, é justo afirmar que a história perpassa as narrativas de *Who would have thought it?* e *The Californians* através de tópicos como guerra civil estadunidense, período de reconstrução, expansão da nação estadunidense, conflitos de terra entre *californios* e estadunidenses, entre outros. Ainda que a conexão entre romance e momento histórico não seja nenhuma novidade, busca-se investigar a consciência social dessas romancistas que apresentam em seus textos uma visão crítica em relação aos conflitos de sua época, demonstrando assim que alguns romances ditos sentimentais podem possuir (ao contrário do que muitos pensam) uma importância social e cultural. Portanto, minha proposição é que nos romances de Ruiz de Burton e Atherton podemos identificar elementos que justificam considerá-los uma espécie de transgressão ao padrão romance sentimental típico do século XIX.

Para iniciar minha discussão sobre transgressões ao modelo do romance sentimental observadas em *Who would have thought it?* e *The Californians*, gostaria de mencionar a obra de Marlyse Meyer intitulada *Folhetim, uma história*, na qual a acadêmica busca legitimar a importância daquele gênero enquanto fonte cultural. No trecho intitulado “Uma Narrativa Ilegítima” (cf. MEYER, 1996: 231-235), a autora trata mais especificamente do folhetim-sentimental da terceira época (1871-1914) e afirma que “velhos temas, velhos gêneros” revisitam tal narrativa. Cita como exemplo o tema da ‘vítima’ e do ‘sedutor’ já presente no “romance fundador de Richardson.”⁴¹ Em sua argumentação em defesa do folhetim, Meyer se apoia nas considerações de Antonio Gramsci acerca da literatura popular e, para tanto, utiliza a obra *Literatura e vida nacional* daquele pensador. Meyer se detém no capítulo III, no qual Gramsci aborda a literatura popular. A crítica desenvolvida por Gramsci ali é de natureza político-cultural e suas reflexões sobre a atividade literária estão mais relacionadas à sociologia que à estética. O autor faz apenas uma menção ao romance sentimental quando aborda os diversos tipos de romance popular e o caracteriza como “não político em sentido estrito, mas no qual se expressa o que poderia ser chamado de democracia sentimental”. (cf. GRAMSCI, 1968: 112) Se o romance sentimental segundo Gramsci não é político_“em

⁴¹ Como sabemos, aqui Meyer faz alusão ao romance de Samuel Richardson *Pamela* (1740), que narra a estória de uma criada perseguida pelo filho de sua falecida patroa. Tendo que defender sua virgindade ferozmente, Pamela se rebela contra as condutas sociais da época que ditavam submissão total às mulheres de classe desprivilegiadas mesmo à custa de sua honra.

sentido estrito”, quem sabe não o será no sentido mais amplo? Logo adiante, o próprio Gramsci irá afirmar que o romance sentimental de George Sand irá expressar o sentimento antiinglês, por exemplo. Não haveria nesse tal “sentimento antiinglês” expresso por uma autora de romances sentimentais algo de político? (cf. GRAMSCI, 1968: 113)

Pois bem, a questão é que o romance sentimental produzido nos Estados Unidos durante a segunda metade do século XIX, assim como o folhetim-sentimental francês (uma espécie de romance fatiado) de que trata Meyer em sua obra acima citada, é também ‘ilegítimo’ (no sentido de não ser sancionado). Além disso, os dois gêneros possuem diversos pontos de aproximação como tema, sentimentalidade exacerbada e grande popularidade entre o público feminino. Diferem, é verdade, quanto à autoria: os folhetins eram em sua grande maioria escritos por homens, enquanto que os romances sentimentais estadunidenses eram escritos por mulheres que visavam a um público-alvo também feminino. Meu argumento é que, assim como aquele gênero folhetinesco francês, os romances sentimentais também podem ser fonte de cultura e até, como buscarei demonstrar, instrumento de crítica social e política como é o caso de *Who would have thought it?* e *The Californians*.

3.1 Política e sociedade em *Who would have thought it?*

Os dois congressistas Beau e Tool estavam ganhando dinheiro rápido como num passe de mágica. O Dr. Norval havia disponibilizado capital e os irmãos haviam conseguido vários contratos com o governo no nome de outras pessoas por meio dos quais tinham lucros enormes. Os Cackles certamente seriam ricos e famosos, além de influentes.⁴² (DE BURTON, 1995:75)

O romance *Who would have thought it?* (1872) é dividido em sessenta capítulos e uma conclusão. Os primeiros dez capítulos tratam de eventos entre 1857 e 1861 (como o ataque ao Forte Sumter)⁴³, muito embora tenhamos *flashbacks* que levam o leitor a 1836 (quando aconteceu o casamento dos Norval) e a 1846 (quando ocorreu o sequestro de Doña Teresa, mãe de Lola). Os cinquenta capítulos seguintes tratam de eventos ocorridos durante a guerra civil (1861-1864). Por fim, depois de um hiato de sete anos, a autora amarra a estória, situando o leitor no ‘tempo real’, ou seja, em meio aos eventos políticos de 1872 (período de reconstrução congressista durante o qual se observou grande mudança econômica, social

⁴² The two members of Congress – Beau and Tool – were making money as fast as if by magic. Dr. Norval had put in the capital, and the brothers had got several Government contracts, in other person’s names, by which they made enormous profits. The Cackles would certainly be rich and renown, and influential at the same time.

⁴³ A batalha do Forte Sumter (12-13 de abril de 1861) consistiu no bombardeio e rendição desse forte localizado nas proximidades de Charleston (Carolina do Sul), fato que deu início à Guerra Civil dos EUA. Desse modo, o bombardeio do Forte Sumter foi a primeira ação militar da guerra civil.

e política nos EUA). (cf. SÁNCHEZ e PITA, Introdução a DE BURTON, 1995: xvi)

Abordando diversas questões políticas e sociais, o romance funciona como um instrumento de investigação de uma época marcada pela predominância de ideologias como a do destino manifesto e por grandes transformações como a expansão do território nacional, a finalização de uma moderna rede de transportes (ferroviário e fluvial) e o processo de modernização industrial. Por outro lado, a leitura da história feita por De Burton desse período será crítica e denunciadora. Segundo Sánchez e Pita, o romance realiza uma leitura alegórica da modernização e expansão dos EUA através da corrupção, guerra e usurpação. (cf. SÁNCHEZ e PITA, Introdução a DE BURTON, 1995: xxii) Através da personagem principal, a jovem de origem mexicana Lola, a autora discutirá o tema do preconceito, transformando essa personagem em uma espécie de símbolo do México. Além disso, encontraremos ainda críticas referentes ao surgimento de uma nova ordem industrial que resultará em consumismo desenfreado.

Iniciando minha discussão com o tópico preconceito, começo assinalando que De Burton cria em *Who would have thought it?* uma protagonista órfã de origem hispânica que vai morar na Nova Inglaterra no período que imediatamente antecede a guerra civil. Lola irá residir na casa dos Norval, lar dominado pela figura da senhora Norval que, no início da narrativa, é descrita como uma mulher austera e comedida, além de

preconceituosa. Lola será tratada como inferior, e só conseguirá melhores condições de sobrevivência quando o tesouro em ouro que ela possui for revelado. Ela será enviada a um colégio de freiras para se educar enquanto sua fortuna será administrada (até que ela complete vinte e um anos), primeiro pelo doutor Norval, homem íntegro e carinhoso com a jovem órfã; e, mais tarde, na ausência deste, por um assistente do doutor Norval, que passará a prestar contas dos rendimentos do ouro de Lola à senhora Norval. Quando o doutor Norval viaja e a senhora Norval toma a frente das finanças da família (entenda-se administração do ouro de Lola), tem início um processo de enriquecimento da família Norval, que encontra paralelo com o enriquecimento ilícito de vários políticos e indivíduos durante e após a guerra civil. Curiosamente, De Burton desmascara a quebra de valores éticos no seio da família Norval através das personagens da senhora Norval e da filha desta, Ruth. Ambas passarão a praticar um consumismo desmedido, utilizando o dinheiro de Lola sem qualquer escrúpulo, como podemos observar na seguinte passagem:

A senhora Norval não colocava limites em mais ninguém, pois ela pensava que se o dinheiro que eles estavam gastando pertencia a Lola, não havia necessidade de economizar. Pelo contrário, quanto mais dinheiro eles usassem para adquirir bens, mais eles teriam em mãos quando Lola completasse vinte e um anos.⁴⁴ (De Burton, 1995:104)

⁴⁴ Mrs. Norval stinted no one now, for she thought that if the money they were spending was Lola's, there was no need for her to economize. On the contrary, the more money they put to use, the more would be left in their hands when Lola was twenty-one.

A forma como a senhora Norval literalmente se apropria do ouro de Lola, apesar de cultivar uma imagem de senhora ‘digna, religiosa, e educada’ pertencente à classe média da Nova Inglaterra, pode ser lida como uma alegoria da ideologia do destino manifesto e da apropriação de territórios e imensas reservas minerais ali existentes: aqui a senhora Norval é os EUA e Lola é o México. Afinal, o ouro da jovem mexicana irá tornar os ianques da família Norval milionários, do mesmo modo que a apropriação do território e riquezas do México aceleraram o desenvolvimento dos EUA.

Numa demonstração de total rendição à nova ordem consumista iniciada com a industrialização, a família Norval termina por se mudar para uma mansão na Quinta Avenida em Nova Iorque, onde passará a ter uma vida social agitada e dispendiosa. Por volta de 1860, Nova Iorque já havia se tornado uma cidade efervescente com 800 mil habitantes: um centro manufatureiro, comercial e financeiro. (cf. McKAY, 1990:4) A mudança da família Norval para a cidade de Nova Iorque, a assimilação de um novo estilo de vida altamente dispendioso e – fato mais agravante – a desonestidade na origem de sua riqueza é um comentário social da autora sobre o comportamento de vários novos ricos que se multiplicaram naquela época.

Seguindo essa linha de revelar a corrupção de valores primeiramente no seio familiar, a autora cria a família Cackle, composta de vários políticos que alcançam altas posições no congresso através de meios ilícitos. É

através dos membros da família Cackle que De Burton irá discutir política e, em particular, os desmandos do congresso nacional estadunidense durante os períodos da Guerra Civil e Restauração. Através das personagens da família Cackle, que são o senhor e a senhora Cackle e seus filhos com “nomes clássicos” (Julius Caesar, Mark Antony, Marcus Tullius Cicero e Mirabeau Demosthenes), a autora faz uma representação dos vícios da classe média da Nova Inglaterra e da corrupção da classe política estadunidense, uma vez que dois dos filhos se tornarão senadores da república. De fato, a ascensão econômica e política da família Cackle têm início ainda durante a guerra civil, quando a família vendia mercadoria de má qualidade ao governo, utilizando assim a guerra como uma oportunidade de enriquecimento ilícito. Dessa forma, os Cackles se tornarão milionários através de contatos políticos que lhes concedem contratos com o governo para o fornecimento de “cobertores rasgados e sapatos de couro queimado.” (cf. SÁNCHEZ e PITA Introdução a DE BURTON, 1995: xxvi-xxvii) Além dos altos ganhos financeiros, uma das personagens da família Cackle, Julius Caesar, alcançará o posto de general – desmerecidamente, como resultado de um episódio rocambolesco que o transforma de real covarde em herói de guerra fabricado. Representando a guerra civil como um período durante o qual as oportunidades econômicas se multiplicaram e a mobilidade social cresceu na mesma medida que o

grau de corrupção, De Burton oferece ao leitor outra visão desse contexto histórico: visão esta bastante irônica, nada sentimental.

Servindo de contraponto para a personagem Lavínia que, por ser mulher e destituída de bens materiais, é completamente excluída de qualquer benefício da classe política, os Cackle terão grande poder no congresso estadunidense. É justamente Lavínia que, tomando consciência da condição da mulher na sociedade da época, nos revela não apenas a corrupção desenfreada do congresso personificada na figura dos membros da família Cackle, mas também a total exclusão da mulher das esferas do poder: “Lavvy não advogava os ‘direitos da mulher’. Ela sequer entendia do assunto, mas sorriu tristemente ao pensar como as mulheres eram pouco valorizadas e injustamente subestimadas. Ela não conseguia obter nada do governo – os Cackles tudo!”⁴⁵ (DE BURTON, 1995:129)

Em outra passagem do romance, a autora revela outro aspecto da sociedade estadunidense da época, quando comenta sua obsessão pelos indivíduos bem sucedidos.⁴⁶ Comparando os estadunidenses aos adoradores orientais que se ajoelham perante seus ídolos, a narradora de De Burton

⁴⁵ Lavvy was no advocate of “woman’s rights.” She did not understand the subject even, but she smiled sadly, thinking how little woman was appreciated, how unjustly underrated. *She* could obtain *nothing* from the governmen – the Cackles, *all!*”

⁴⁶ Vale ressaltar que no final do século XIX, ocorreu em todo o mundo e não apenas nos Estados Unidos o fortalecimento de empresas que resultou na centralização e concentração do capital. Iniciou-se aí nova fase do capitalismo, a fase monopolista ou financeira. Informações mais detalhadas podem ser encontradas no site Cultura Brasil. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/neocolonialismo.htm>> Último acesso em: 07/11/2009

afirma que eles, os estadunidenses, igualmente se ajoelham diante dos “homens bem sucedidos, dos milionários, dos reis das ferrovias: os grandes capitalistas monopolistas”.⁴⁷ (cf. DE BURTON, 1995: 119) Presumo que a autora dirige sua crítica aqui mais especificamente à classe capitalista do norte dos EUA, que aumentou sua fortuna financiando o governo federal através do fornecimento de provisões aos exércitos. A família Cackle, como vimos, seria um bom exemplo da classe capitalista e oportunista à qual alude a narradora do romance na última passagem.

Seria interessante ainda um breve comentário sobre um importante elemento utilizado pela autora em seu romance: o *testimonio*. Recapitulando os fatos ocorridos anteriormente à chegada de Lola à casa da família Norval, viajemos até o sudoeste dos EUA para uma região chamada Gila, próxima ao rio Colorado⁴⁸. É lá que o doutor Norval encontra a senhora Teresa Almenara de Medina e sua filha de apenas dez anos (Lola), que se encontram cativas de uma tribo de nativos americanos. Doña Teresa irá contar toda sua história ao doutor Norval: ela havia sido capturada quando já estava grávida de Lola em sua fazenda no México e desde então era cativa e mulher do chefe da tribo, fato esse que a envergonhava

⁴⁷ (...) before *the successful man*, before the millionaire, before the railroad king – the great monopolists.

⁴⁸ Existe um rio chamado Gila que na verdade é um rio afluente do Rio Colorado. O rio Gila nasce ao oeste do estado de Novo México e estende-se através de 1.015 km através do sudoeste dos Estados Unidos. O nome Gila vem de uma tribo de nativos americanos. Cf. Enciclopédia Britannica online. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/233504/Gila-River>>. Último acesso: 07/11/2009

demasiadamente. Ela, então, irá propor que o doutor Norval salve sua filha daquela vida selvagem e a leve consigo para que receba uma educação católica em troca de metade de uma riqueza em ouro e diamantes que vinha acumulando escondida durante aqueles dez anos. O doutor Norval concorda em fazê-lo – e é dessa forma que Lola irá residir em sua casa na Nova Inglaterra. Contudo, antes de partir levando Lola e “quase um milhão de dólares em ouro e pedras preciosas”, doutor Norval e seu assistente – que fará o papel de escrivão – ouvirão o testemunho de Doña Teresa ditado em espanhol. O relato da senhora mexicana se iniciará com seu sequestro em 1846 (dez anos antes), o que situa a narrativa presente do romance por ocasião do testemunho em 1856.

Muito embora Doña Teresa testemunhe sobre fatos que dizem respeito a sua vida pessoal, poderíamos enxergar certo simbolismo por parte da autora ao incluir no romance o elemento testemunhal. Curiosamente, Ruiz de Burton relatou através de *testimonio* sua experiência enquanto mulher e legítima *californiana* que presenciou os acontecimentos históricos de sua época. Seu relato, que se intitula *Biographical Sketch*, está entre as poucas narrativas femininas recolhidas pelos historiadores Enrique Cerruti e Thomas Savage (assistentes do renomado historiador estadunidense Hubert Howe Bancroft)⁴⁹ durante a década de 1870. Essas vozes femininas falaram

⁴⁹ Alguns volumes da vasta obra de Bancroft podem ser acessados online. Disponível em:< <http://www.1st-hand-history.org/Hhb/HHBindex.htm>> Último acesso: 14/11/2009

não apenas sobre assuntos ‘femininos’ como esperavam os historiadores assistentes de Bancroft, mas também sobre eventos sociais e políticos dos quais foram testemunhas essas narradoras, no início do século 19 na Califórnia mexicana.⁵⁰ O acadêmico Genaro M. Padilla comenta em *My history, not yours* sobre essas narrativas femininas, nas quais as autoras quebraram a expectativa dos historiadores ao assumir uma posição mais autônoma e discutir assuntos não apenas relativos ao lar, mas também eventos políticos e aspectos sociais da Califórnia quando esta ainda pertencia ao México:

A subjetividade(da mulher) não se situava, portanto, no lar ou em sua filiação. Sequer na lembrança do lar ou do marido, mas na vida de uma mulher na esfera pública, na recuperação de uma autoridade marcada por conquistas pessoais, apurada observação e ação política, autodidatismo e heroísmo contra a ameaça de invasão estrangeira. (PADILLA, 1993:111)⁵¹

Nesse sentido, o *testimonio* da personagem Doña Teresa pode ser enxergado não apenas como um drama pessoal de uma senhora que foi sequestrada e forçada a viver em cativeiro numa tribo de nativos

⁵⁰ Remeto o leitor interessado nas narrativas de mulheres da Califórnia ao livro de Genaro M. Padilla *My History, not yours – The formation of Mexican American autobiography*. No capítulo 4 intitulado “Yo sola aprendí”, Padilla trata das narrativas de mulheres mexicanas e argumenta sobre a importância de tais narrativas para a compreensão da historiografia da Califórnia anterior a anexação feita pelos Estados Unidos.

⁵¹ Subjectivity was situated, therefore, not in the home or in patronymic affiliation, not even in the memory of home or husband, but in a woman’s life in the public realm, in the spoken recovery of authority measuring personal accomplishment, political acuity and agency, self-taught literacy, and heroism against the threat of foreign invasion.

americanos com sua filha durante longos dez anos, mas também como um testemunho, sob a ótica feminina, de um período da história que fervia com a iminência de uma guerra entre México e Estados Unidos. Em *Who would have thought it?*, a personagem Doña Teresa representa a mulher mexicana que fala para não ser esquecida, através de um *testimonio* que soa como um eco das vozes femininas silenciadas ao longo da história.

Ao criar certo estranhamento nessa passagem da inclusão do gênero testemunho através da personagem Doña Teresa (pois, como sabemos, o gênero testemunho tem compromisso com o factual e rompe com a ficcionalidade), a autora parece sugerir que há também muito de ‘testemunho’ em seu romance. Basta apenas que tenhamos olhos mais atentos para perceber que uma possível leitura para *Who would have thought it?* seria a de que o romance serve de instrumento de solidariedade para uma comunidade, ou seja, a dos californianos. Muitos desses californianos de ascendência hispânica que se tornaram cidadãos estadunidenses após 1848 tiveram que enfrentar uma questão crucial que foi a desapropriação de suas terras feita pelo novo governo no poder e o consequente empobrecimento a que foram sujeitados. Alguns poucos relataram as mudanças sofridas através de testemunhos mediados como os coletados pelos historiadores assistentes de Bancroft na década de 1870 e

que foram abordados por Padilla em *My history, not yours*⁵². Tais narrativas representam verdadeiros documentos de um período de grandes transformações para o México e Estados Unidos. Vejamos como essa questão da terra é representada em *The Californians*, romance no qual podemos identificar uma tensão entre as culturas hispânica e anglo.

3.2 A questão da terra e o discurso de hispanidade em *The Californians*

Quando os americanos vieram, tudo mudou. Minha carreira acabou, pois eu não tinha nada a ver com eles. Tive altos postos no governo mexicano. Não poderia ter cargos sob o comando dos usurpadores... Muitos deles eu sequer empregaria como serviçais. Então, eles tomaram minhas terras. Tomaram-me tudo.⁵³ (ATHERTON, 1898: 343)

No romance *The Californians*, Gertrude Atherton aborda uma questão crucial da história estadunidense, que foi a anexação da Califórnia após a guerra contra o México e as subsequentes mudanças sofridas pelos mexicanos desde então. Os *californios*, habitantes do lugar ainda quando a Califórnia era propriedade da coroa espanhola e pertencente a uma elite

⁵² Esses testemunhos são classificados como testemunhos mediados, pois foram narrados por meio da voz enunciativa/denunciadora do informante e escritos por um editor 'letrado'.

⁵³ When the Americans came, every thing changed. My career closed, for I would have nothing to do with them. I had held the highest offices under the Mexican government. I could not stoop to hold office under the usurpers many of whom I would not have employed as servants. Then they took my lands, everything.

latifundiária, se deparam com uma situação desprivilegiada na qual o “gringo invasor” tem poderes irrestritos e os utiliza para a apropriação de suas terras. No entanto, descobriremos no decorrer da narrativa que há *californios* e *californios*, ou seja, há aqueles que sofrerão com a chegada dos gringos e outros que se tornarão seus aliados. É sabido que ainda antes da anexação, quando imigrantes *anglos* que chegavam à Califórnia adotaram a *Bear Flag* (Bandeira do Urso)⁵⁴ e declararam guerra ao México em 1846, mexicanos ricos que eram proprietários de ranchos se juntaram aos invasores buscando defender seus próprios interesses. Por outro lado, a população pobre se mostrou mais patriótica ao desenvolver sentimentos de reação aos gringos. (cf. ACUÑA, 1988: 110) Em *The Californians*, encontramos representações de *californios* que se aliaram aos estadunidenses em busca de vantagens individuais, e outros que se opuseram ao novo governo, tendo sofrido empobrecimento e exclusão.

A personagem Don Roberto, patriarca da família Yorba, é membro dessa elite de descendência hispânica. No entanto, ao contrário de seus compatriotas *californios* que perderam suas propriedades por não saber “lidar com o estadunidense empreendedor que primeiro os conquistou e

⁵⁴ Essa bandeira foi hasteada na cidade de Sonoma em 14 de junho de 1846 por imigrantes anglo-americanos revoltosos que buscavam a independência da Califórnia do governo mexicano. Esse episódio ficou conhecido como a Revolta da Bandeira do Urso (do inglês *The Bear Flag Revolt*) e seus integrantes como os *Bear Flaggers*. Cf. O museu virtual da cidade de São Francisco . Disponível em: <<http://www.sfmuseum.org/hist6/toddfalg.html>> Último acesso: 19/12/2009

depois, ilícita ou justificadamente se apropriou de seus alqueires”⁵⁵ (ATHERTON, 1898:10), ele, Don Roberto, se alia aos *anglos*. Mais tarde, ao se apropriar de valores da cultura hegemônica, Don Roberto irá desprezar sua gente, se tornando cada vez mais capitalista e “amante do ouro”. Foi o ianque Polk quem despertou em Don Roberto a paixão pelo dinheiro, pelo individualismo, bem como o total descaso com valores como ética e honestidade. A narradora nos revela o primeiro encontro desses parceiros que renderia muito lucro para ambos. Eles haviam se conhecido ainda por ocasião do baile promovido pelo cônsul estadunidense no México Thomas O. Larkin em homenagem ao comodoro Sloat que havia chegado a Monterey em 7 de julho de 1846 e tomado controle da cidade.⁵⁶ Em um baile onde se celebra a queda de seu país, Don Roberto ficará fascinado pela figura de Polk e a partir daquele momento, sob a influência do gringo que se tornará seu cunhado, passará por um processo de incorporação da cultura invasora. Chegará mesmo a hastear a bandeira dos Estados Unidos em seu escritório, como símbolo máximo de seu desejo de pertencimento e

⁵⁵(...) to cope with the enterprising United Statesian who first conquered the Californian, then, nefariously, or righteously, appropriated his acres.

⁵⁶ Em junho de 1846, um grupo armado de colonos estadunidenses ocupou a cidade de Sonoma, aprisionou oficiais mexicanos, declarou sua independência do México e hasteou a bandeira dos Estados Unidos. Embora não tenha sido esclarecido, o capitão do exército dos Estados Unidos John Charles Fremont parecia estar envolvido e até comandado os colonos. Em 1 de julho, o comodoro John D. Sloat chegou em Monterey a bordo do *USS Savannah* e no dia 7 de julho anunciou oficialmente que o México e os Estados Unidos estavam em guerra, assumindo então controle da cidade de Monterey. Informações mais detalhadas acerca dessa ocorrência podem ser encontradas em: <<http://www.inn-california.com/Articles/biographic/larkinbio1.html>> Último acesso: 22/11/2009

lealdade à nação estadunidense, renegando seus pares e seus velhos costumes. Don Roberto

se sentia um ‘americano’, cada pedacinho dele. E odiava qualquer coisa que o recordasse do que poderia ter se tornado, caso tivesse cedido à indolência e extravagância de sua natureza. Com prazer ele esvaziaria suas veias e as preencheria com o galopante sangue ‘americano’.⁵⁷ (ATHERTON, 1898: 58)

Ironicamente, a narradora descreve as transformações nas atitudes mais simples de Don Roberto – por exemplo, ao terminar um jogo de bilhar com amigos em sua casa de campo, ele costuma se sentar e colocar seus pés na prateleira da lareira. Era reconhecidamente seu hábito favorito e que “ele sentia completar a estrutura de seu americanismo.”⁵⁸(ATHERTON, 1898:101) Ao longo da narrativa, o leitor tomará conhecimento de vários outros hábitos adquiridos pela personagem em seu esforço de demonstrar suas “maneiras americanas”, contudo sua mais significativa aquisição será o prazer pelo dinheiro e os meios empregados para consegui-lo. Don Roberto e Polk se tornarão sócios em um banco cujo capital se multiplica através da concessão de empréstimos a mexicanos empobrecidos que não conseguem honrar os pagamentos (devido aos juros altíssimos) e que terminam por perder suas propriedades. Tal fato foi bastante recorrente na Califórnia da

⁵⁷ He felt an American, every inch of him, and hated anything that reminded him of what he might become did he yield to the natural indolence and extravagance of his nature. He would gladly have drained his veins and packed them with galloping American blood.

⁵⁸ (...) he felt that it completed the structure of his Americanism.

segunda metade do século 19, tendo sido vítimas mesmo mexicanos influentes que ocuparam posições de destaque no governo mexicano antes da chegada dos estadunidenses.

No livro previamente mencionado *My history, not yours*, o acadêmico Genaro Padilla comenta sobre relatos de figuras históricas – como o general Mariano Guadalupe Vallejo⁵⁹ (proeminente figura pública do governo mexicano) – que descreveram o que significou tal período para os *californios* que tiveram suas terras desapropriadas, sendo reduzidos quase à condição de miséria. Entre 1846 e 1875 (ano em que Vallejo concluiu seu relato pessoal), o general havia perdido todas as suas imensas propriedades e riquezas, bem como sua influência política. (cf. PADILLA, 1993: 77) Padilla afirma que

(...) os “Recuerdos” de Vallejo fundem sua própria história com a história social de sua época. A autobiografia, ou seja, a história de vida de um indivíduo é aqui conscientemente combinada com história territorial e cultural.⁶⁰ (PADILLA, 1993: 85)

Dessa forma, narrativas autobiográficas como a do general Vallejo (recolhida ainda em 1875) representam o testemunho de um povo que teve

⁵⁹ Remeto o leitor interessado no assunto à leitura do artigo de Genaro M. Padilla “It’s my history, not yours I propose to tell”: History as Autobiography in Mariano G. Vallejo’s “Recuerdos históricos y personales tocante a La alta Califórnia”. (cf. PADILLA, 1993: 77-108)

⁶⁰ (...) Vallejo’s “Recuerdos” fuses his own story with the larger social history of his times. Autobiography, the life story of the individual, is here consciously combined with territorial and cultural history.

sua história, sua cultura e mesmo seu idioma ameaçados em seu próprio território: a Califórnia. Por fim, representam um esforço simultâneo de se manter viva a memória de um povo, bem como um ato de resistência de uma cultura subjugada em face de outra hegemônica. Em *The Californians*, encontramos personagens que são representações dessas figuras históricas, como o velho *californio* que aos olhos de Magdaléna parecia um “rei deposto”, denunciando, dessa forma, as injustiças que lhe foram infligidas pelos estadunidenses. Essa personagem fala da ocupação de posseiros estadunidenses de terras dos *californios*, do sistema de justiça corrupto do novo governo (única lei a qual os *californios* poderiam apelar) e dos altos juros das hipotecas que resultaram na perda total de suas terras (cf. ATHERTON, 1898, 343).

Outro aspecto fundamental no romance é a existência de um discurso em favor da cultura hispânica que permeia toda a narrativa. Desde o início, o leitor é levado a comparações entre o universo hispânico e o anglo no que se refere aos seus valores, práticas e costumes. Personagens entram em conflito e terminam por revelar diferenças cruciais entre as duas culturas, o que explica a tensão que paira na atmosfera do romance. Seria justo afirmar que a narradora do romance, ‘à maneira sentimental’, retrata hispânicos com cores amenas e geralmente na posição de vítimas, enquanto retrata anglos como que desprovidos de sentimentos nobres (se comparados aos primeiros) e dotados de um senso prático e de uma obsessão por dinheiro

que supera qualquer outra possível característica existente. Contudo, ainda que reconhecidamente possamos, através de um olhar mais crítico, identificar certa idealização dos hispânicos em oposição a uma depreciação dos anglos, o romance serve de instrumento para a revelação de alguns contrastes entre essas duas culturas, os quais buscarei expor a seguir.

Ainda que pensamentos dualistas não estejam em voga em tempos de desconstrução, em que predominam conceitos como multiculturalismo e hibridismo cultural, se faz necessária uma breve exposição de como alguns aspectos relativos às culturas hispânica e *anglo* são tratados em *The Californians*. Começarei abordando o coletivismo da cultura hispânica (e aqui me refiro mais particularmente às personagens do grupo dos *californios* que possuem ascendência hispânica) *versus* o individualismo da cultura estadunidense. Tendo em vista que o individualismo caracteriza-se pela predominância do interesse individual sobre o grupo (o que leva as pessoas a se preocuparem apenas consigo mesmas ou com sua família imediata) e o coletivismo caracteriza-se pela ênfase no interesse do grupo sobre o indivíduo, seria correto afirmar que encontramos no romance várias representações de individualismo entre as personagens *anglo* e de coletivismo entre as personagens hispânicas. Glória Anzaldúa afirma acerca da cultura mexicana que

Muito do que a cultura [mexicana] condena está focado em relacionamentos familiares. O bem estar da família, da comunidade e da tribo é mais importante do que o bem estar do indivíduo. O

indivíduo existe primeiramente como parente(irmã, pai, padrinho) e somente depois como indivíduo.⁶¹ (ANZALDÚA, 1987: 18)

Mais adiante, Anzaldúa afirma que a ambição tão valorizada na cultura anglo seria totalmente condenada na cultura mexicana. (cf. ANZALDÚA, 1987: 18) De fato, nos deparamos no romance com situações nas quais o individualismo e a desmedida ambição dos *anglos* contrastam com o coletivismo e o desapego material dos hispânicos. Assim é que de um lado estão posicionadas a protagonista Magdaléna e a personagem tia Magdaléna (acompanhada daqueles heróis e heroínas das histórias que conta para a sobrinha de uma Califórnia arcádica) e, de outro lado, o ianque Polk (símbolo do estadunidense capitalista) e Don Roberto (traidor de sua própria gente). Em geral, o romance retrata hispânicos formando uma grande ‘família’ e anglos buscando sucesso individual. Contudo, há ainda representações, digamos, menos positivas de personagens de origem hispânica numa clara demonstração de que o romance não seria tão *naïf* a ponto de assumir uma total parcialidade em favor da cultura hispânica. A questão é o quanto esse suposto olhar crítico à cultura hispânica não carrega em si muitos estereótipos que se encontram enraizados na cultura estadunidense dominante.

⁶¹ Much of what the culture condemns focuses on kinship relationships. The welfare of the family, the community, and the tribe is more important than the welfare of the individual. The individual exists first as kin – as ister, as father, as *padrino*- and last as self.

Um exemplo dessa visão estereotipada do Outro seria a forma como a narradora se refere à protagonista Magdaléna: “a infeliz mistura de duas culturas”. O fato de ser um sujeito híbrido não soaria aqui problemático, caso a narradora não ironizasse acerca das características dessa personagem que ela, a narradora, julga próprias da cultura hispânica – como a indolência e a excessiva inocência. Logo em seguida, as características supostamente pertencentes à cultura *anglo* como o senso prático e a inteligência são enaltecidas. Dessa forma, a narradora nos informa que Magdaléna “possuía toda a indolência californiana⁶² que estava sempre em guerra com o “intelecto herdado de seus ancestrais da Nova Inglaterra.” (ATHERTON, 1898:20) Ecoando a figura da mulher mestiça tratada por Anzaldúa em *Borderlands*, Magdaléna enfrenta o dilema de ter o sangue de duas etnias. Ela recebe mensagens de culturas distintas (às vezes mensagens que se opõem) o que resulta em choque cultural. Permanece a dúvida: qual coletividade falará mais alto?

Discursos que reforçam uma visão estereotipada do hispânico também encontram voz entre as personagens de origem hispânica. Um exemplo estaria na fala do velho *californio*, ao confessar à Magdaléna que eles (os *californios*) haviam sido “feitos para o prazer, para viver uma

⁶² No romance, essa tal “indolência californiana” encontra sua expressão máxima na figura do *caballero* que passa a madrugada fazendo serenatas e os dias dormindo numa rede. Ele seria muito orgulhoso para trabalhar, mas também muito ingênuo ao perder tudo o que tem para os estadunidenses. (cf. ATHERTON, 1898: 8).

existência de nobres que desprezavam o dinheiro”.⁶³ (cf. ATHERTON, 1898: 342-345) A propósito, seria ainda nessa relação entre indivíduos e dinheiro que verificamos no romance outro ponto de distanciamento entre as culturas hispânicas e *anglo*. Enquanto as personagens hispânicas são descritas como ‘desapegadas’ do dinheiro e demasiadamente ingênuas para ‘salvá-lo’ dos estadunidenses, personagens de origem anglo-americana são obcecadas pelo dinheiro e utilizam quaisquer meios (lícitos ou não) para consegui-lo. Com exceção da personagem de Don Roberto, que se apropria dos valores da cultura anglo e passa a acumular riquezas e evita gastos, todas as demais personagens de origem hispânicas ou perderam suas riquezas (se pertencem à classe privilegiada) ou são exploradas pelos *anglos* (se pertencem à classe trabalhadora).

Por fim, ainda que eventualmente possamos encontrar em *The Californians* alguns exemplos de uma visão estereotipada do Outro como acabamos de observar, o romance assume, na maioria das ocasiões, a defesa das personagens hispânicas (os *californios*) advogando, dessa forma, em favor de um grupo subjugado, despojado de seus bens e poder político com a chegada do governo estadunidense à Califórnia. É importante notar, contudo, como tal visão perpetua a imagem do latino como alguém

⁶³ Essa personagem que é representante dos *californios* no romance visita a casa dos Yorba em busca de alguma ajuda financeira do ‘amigo de velhos tempos’ Don Roberto, mas é violentamente escorraçado por ele. Antes de sair, porém, conta sua história a Magdaléna que fica surpresa ao descobrir que aquele velho senhor era um nome famoso na história da Califórnia.

obcecado por levar uma vida de fidalgo (“filho de algo”), e pouco afeito, portanto, ao trabalho.

Conclusão

Através das questões levantadas neste estudo, buscou-se contribuir para a discussão sobre o romance sentimental escrito por mulheres nos EUA do final do século XIX. Os romances *Who would have thought it?*(1872) e *The Californians*(1898) têm como pano de fundo a sociedade estadunidense daquela época e tecem em suas entrelinhas comentários de cunho social e político sobre tal sociedade. Ademais, em ambos os romances identificamos considerações acerca das culturas hispânica e anglo-americana, que aqui entram em conflito e, até certo ponto, se antagonizam. Nesses romances (e mais particularmente em *The Californians*), o espaço geográfico de aproximação (e choque) de culturas é o sudoeste dos EUA.

Discutiu-se, no Capítulo I, como o século XIX representou para os EUA a expansão de seu território nacional, a consolidação econômica da nação através do desenvolvimento de seu transporte (especialmente o ferroviário) e de sua indústria, além de eventos significativos do período como a corrida do ouro na Califórnia e os movimentos imigratórios. A partir desse contexto histórico, abordou-se a questão do romance produzido no país, enfatizando-se o romance sentimental feminino. Vimos que o romance em geral assumiu um caráter mais social e político com a

exploração de questões contemporâneas na época da Reconstrução. Quanto ao romance feminino, afirmou-se que este atingiu enorme sucesso em meados do século XIX, muito embora fosse totalmente excluído do grupo denominado de alta literatura por sua ‘exagerada sentimentalidade e escasso refinamento’. A proposição presente no subtópico “O romance ‘feminino’” representa o trampolim para os capítulos subsequentes, sendo ela: apesar do descrédito comumente atribuído ao romance sentimental, os romances *Who would have thought it?* e *The Californians* fogem parcialmente ao padrão daquele gênero ao servir de instrumento de crítica para questões como expansionismo, discriminação, corrupção e consumismo. Desse modo, tais romances representam uma contra-escritura do romance sentimental padrão daquela época.

As considerações feitas sobre o tópico fronteiras no Capítulo II foram importantes no sentido de abordarem não apenas as fronteiras físicas da nação (que dizem respeito ao plano expansionista estadunidense posto em prática no século XIX), mas também as fronteiras culturais que perpassam a história, a tradição e valores de um povo. Nos romances de De Burton e Atherton, essas fronteiras culturais são mais claramente reconhecidas nos (des)encontros das personagens de origem hispânica e anglo-americana, bem como em algumas personagens femininas que buscam romper com as fronteiras de gênero que limitam sua atuação na sociedade da época representada nos romances.

No diálogo que se buscou estabelecer com o ensaio do historiador Frederick Jackson Turner, “O Significado da Fronteira na História Americana”, observou-se que aquele autor reforçava o conhecido mito do oeste segundo o qual os EUA avançavam rumo ao oeste selvagem levando a civilização, desconsiderando a extrema violência empregada nesse processo de expansionismo. Em minha leitura de *The Californians* pude perceber que o mito do oeste é recorrentemente questionado através da crítica ao plano expansionista dos EUA. O romance denuncia como aquele país se apropriou de territórios pertencentes ao México, tornando os habitantes nativos da região estrangeiros em sua própria terra e, ainda pior, destituídos dela. Já em *Who would have thought it?*, o oeste surge como uma terra longínqua e selvagem, ou seja, o oposto do leste intelectualizado representado pelo estado da Nova Inglaterra. Neste romance, a questão da discriminação é preponderante e é explorado através de sua protagonista Lola, que tem origem hispânica e, ironicamente, foi parar em um lar republicano da Nova Inglaterra, diretamente do ‘oeste selvagem’.

Em *Borderlands – La Frontera*, Glória Anzaldúa conceitua os diferentes tipos de fronteiras (psicológicas, sexuais e espirituais), convidando indivíduos a eliminá-las para que possam renascer enquanto sujeitos híbridos. Encontramos esse sujeito híbrido simbolizado na figura da *mestiza* celebrada por Anzaldúa na protagonista Lola de *The Californians*. Tal qual a *mestiza* de Anzaldúa, Lola pertence a duas culturas distintas,

tendo que negociar não apenas entre línguas distintas (inglês e espanhol), mas também entre diferentes códigos culturais e até mesmo identidades. Identificamos em trechos do romance *The Californians* a condição conflituosa de sua protagonista que se traduz numa recorrente dualidade: Magdaléna se divide entre as culturas *anglo* e hispânica. De sobremaneira, Anzaldúa condena tal dualidade e afirma ser necessário transcender quaisquer dicotomias, transgredir quaisquer fronteiras culturais para o surgimento de uma “nova consciência *mestiza*”⁶⁴:

Uma total remoção de pensamentos dualistas da consciência individual e coletiva é o início de uma longa luta que poderá (na melhor das hipóteses) eliminar o estupro, a violência e a guerra. (ANZALDÚA, 1987:80)⁶⁵

A restrição que se pode fazer à protagonista de Atherton é a de que ela não chega a transcender as fronteiras culturais, que terminam por mantê-la prisioneira em um eterno conflito interior. Ao longo da narrativa, encontramos exemplos de dualidades como indolência (associada ao ‘sangue espanhol’ de Magdaléna) *versus* objetividade (associada ao seu

⁶⁴Segundo Anzaldúa, ao transgredir fronteiras, o sujeito alcançaria um terceiro espaço (entre duas culturas) no qual a consciência *mestiza* se desenvolve. Nesse terceiro espaço, o sujeito se torna híbrido e elimina pensamentos dualistas. Remeto o leitor interessado no conceito de consciência *mestiza* de Anzaldúa a leitura do capítulo 7 de *Borderlands* (ANZALDÚA, 1987: 77-91)

⁶⁵ A massive uprooting of dualistic thinking in the individual and collective consciousness is the beginning of a long struggle, but one that could, in our best hopes, bring us to the end of rape, of violence, of war.

‘sangue *anglo*’). Sem nunca atingir uma consciência de sujeito híbrido, Magdaléna permanece prisioneira do dualismo que resulta no que Anzaldúa chama de “guerra interior”. (ANZALDÚA, 1987:78)

No Capítulo III, pode ser percebida a existência de uma consciência social daquelas romancistas ao abordar questões como corrupção política, discriminação e usurpação de terras na Califórnia pós-anexação. Autores como Rodolfo Acuña , Genaro M. Padilla, e novamente Glória Anzaldúa, foram de suma importância para este capítulo final. Curiosamente, ao analisar a crítica sócio-política realizada por De Burton e Atherton em seus romances, pude perceber que aquelas romancistas terminaram por transgredir algumas fronteiras do dito romance sentimental. Em especial, aquela fronteira que separa os típicos romances sentimentais de sua época das questões contemporâneas da mesma. Através de um olhar crítico feminino, *Who would have thought it?* e *The Californians* revelam diversos desmandos da sociedade estadunidense do século XIX.

Chego ao fim de meu percurso e concluo que os romances escolhidos para o *corpus* deste estudo contribuem para o entendimento de uma época específica, se forem observados e interpretados sob um olhar menos preconceituoso do que o que normalmente acompanha textos classificados como romances sentimentais. É sabido que textos escritos por mulheres durante o século XIX não eram reconhecidos por sua qualidade. No entanto, se analisarmos sob outra perspectiva a questão da exclusão do romance

sentimental da categoria de alta literatura, descobriremos que tal exclusão ocorre apenas por uma questão de poder. Ao discutir o conceito de cânone, a acadêmica Mary Louise Pratt afirma que esse tem sido questionado por historiadores literários a partir de bases empíricas:

Dois argumentos são particularmente fortes: primeiro, demonstraram que cânones, 'eternos' como parecem ser em um determinado período histórico, não são de maneira alguma estáveis ao longo do tempo. (...) Segundo, críticos acadêmicos têm estudado como os cânones são socialmente determinados, pelas linhas que correspondem também a linhas hierárquicas. (Muitos concordam que os cânones são construídos pelos interesses e ideologias das classes dominantes, gêneros e raças, e simplesmente discutem que essas são as ideologias que eles próprios, como tradicionalistas, apoiam). (PRATT, 1998:86)⁶⁶

E muito embora o presente estudo não busque o questionamento ou a reformulação de cânone algum, ele é um convite para que textos como o de María Amparo Ruiz De Burton e Gertrude Atherton sejam analisados sob uma diferente perspectiva. Sob um olhar livre de conceitos sacralizados que permita o surgimento de uma nova interpretação.

⁶⁶ Two arguments have been particularly forceful: first, they have demonstrated that canons, "eternal" as they may seem in a given historical moment, are anything but stable over time. (...) Second, critical scholars have explored the ways canons and canonization processes are socially determined, along lines that correspond to lines of social hierarchy. (Many agree that canons are built around the interests and ideologies of ruling classes, genders, and races, and simply argue that these are ideologies which they, as traditionalists, subscribe to).

Obras citadas

- ACUÑA, Rodolfo. *Occupied America*. New York: Harper Collins, 1988. 3^a ed.
- ANZALDÚA, Glória. *Borderlands/La frontera- The New Mestiza*: aunt lute books, San Francisco: 1987
- ATHERTON, Gertrude. *The Californians* London/New York : John Lane: The Bodley Head, 1898.
- BAYM, Nina et al., eds. *The Norton Anthology of American Literature*. Volume 1. Fourth Edition. New York: W.W. Norton and Company, 1994.
- BENJAMIN, Walter. “A Paris do segundo império em Baudelaire” Em: Walter Benjamin, org. Flavio R. Kothe, Col. Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, Editora Ática, p. 44 – 122, 1985
- BLUMBERG, Rhoda. *The Great American Gold Rush*. Bradbury Press, New York: 1989.
- BRIDGMAN, Richard. *The Colloquial Style in America*. New York: Oxford University Press, 1966.
- CHASE, Richard. *The American novel and its tradition*. Anchor Books, New York: 1957.
- DAVIDSON, Cathy N. “Beginnings to the Mid-Nineteenth Century – Introduction” In: *The Columbia History of the American Novel*. New York: Columbia University Press, 1991.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Edunesp/Boitempo, 1997
- ELLIOTT, Emory. ed. *The Columbia History of the American Novel*. New York: Columbia University Press, 1991.
- GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1968
- HOLLIDAY, J.S. *The world rushed in: the California Gold Rush Experience*. Simon and Schuster, New York: 1981
- HORSMAN, Reginald. *Race and Manifest Destiny: The Origins of American Racial Anglo-Saxonism*. Harvard University Press, Cambridge: 1981
- JEHLEN, Myra. “Gender”. In: *Critical Terms for Literary Study*. The University of Chicago Press., Chicago: 1995
- KNAUSS, Paulo. org. *Oeste Americano – quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Niterói: Eduff, 2004

McKAY, Ernest A. *The Civil War and New York City*. New York: Syracuse University Press, 1990

MEYER, Marlyse. *Folhetim – uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORRISON, Toni. *The bluest eye*. Alfred A. Knopf, New York: 2004

PADILLA, Genaro M. *My history, not yours. The formation of Mexican American autobiography*. The University of Wisconsin Press, Madison: 1993

PRATT, Mary Louise. "Don't interrupt me!: the gender essay as conversation and counter-canon". In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)*. Florianópolis, n. 4, pp. 85-101, 1998.

ROMERO, Lora. "Domesticity and Fiction" In: *The Columbia History of the American Novel* Columbia University Press, New York: 1991.

RUBIN-DORSKY, Jeffrey. "The Early American Novel". In: *The Columbia History of the American Novel* Columbia University Press, New York: 1991.

RUIZ DE BURTON, María Amparo. *Who Would have thought it?* Arte Público Press, Houston: 1995.

STEINBERG, Stephen. *The ethnic myth : race, ethnicity and class in America.*: Beacon press, Boston : 1982

TAKAKI, Ronald. *Iron Cages- Race and Culture in 19th-Century America*. Oxford University Press, New York/Oxford: 1990.

TELES, Ana Carla. "She unwrites them: masculine codes and feminine transgressions in the works of Margaret Atwood and Pam Houston". 2007, 36 f. Monografia (Especialização em Literaturas de Língua Inglesa) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

VALDÉS, Gina. *Puentes y fronteras: coplas chicanas*. Castle Lithograph, Los Angeles: 1982

Bibliografia geral

BAYM, Nina et al., eds. *The Norton Anthology of American Literature*. Volume 1. Fourth Edition. New York: W.W. Norton and Company, 1994.

BAYM, Nina. *Women's fiction: A guide to novels by and about women in America, 1820-1870*. Urbana: University of Illinois Press, 1993.

_____. *American women writers and the work of history, 1790-1860*. New Jersey: Rutgers University Press, 1995

_____. *Novels, readers, and reviewers: responses to fiction in antebellum America*. Ithaca: Cornell University Press, 1984

BEHAR, Ruth & GORDON, Deborah A. *Women writing culture*. Berkeley, L.A. & London: University of California Press, 1993

BERCOVITCH, Sacvan and JEHLEN, Myra. ed. *Ideology and classic American literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986

BERCOVITCH, Sacvan. ed. *Reconstructing American literary history*. Cambridge: Harvard University Press, 1986

_____. ed. *The Cambridge history of American Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994-1995

BUELL, Lawrence. *New England literacy culture from revolution through renaissance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1998

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 39.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COTT, Nancy F. *The Bonds of Womanhood – “Woman’s Sphere” in New England, 1780-1835*. Yale University Press, New Haven/London:1977

_____. *The grounding of modern feminism*. New Haven: Yale University Press, 1997

COSER, Stelamaris. “Híbrido, hibridismo e hibridização”. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. RJ/JF: EDUFF/UFJF, 2005. p.164-187.

CRUNDEN, Robert Morse. *A brief history of American culture*. New York : Paragon House, 1994

CULLER, Jonathan. *Literary Theory- A Very Short Introduction*. Oxford University Press, Oxford: 1997

DORSEY, Bruce. *Reforming men and women: gender in the antebellum city*. Cornell university press, Ithaca: 2002

- DOUGLAS, Ann. *The feminization of American culture*. New York: Knopf, 1978
- DUBOIS, Ellen Carol. *Feminism and suffrage: the emergence of an independent women's movement in America, 1848-1869*. Ithaca: Cornell University press, 1995
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Edunesp/Boitempo, 1997
- _____, editor. *Raymond Williams: Critical Perspectives*. Boston: Northeastern University Press, 1989
- ELLIS, Markman. *The politics of sensibility: Race, Commerce, and Gender in the sentimental novel*. Cambridge University Press, New York: 1996
- FLEXNER, Eleanor. *Century of struggle: the woman's rights movement in the United States*. Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge: 1975
- FISHER, Philip. *Hard Facts: Setting and Form in the American Novel*. Oxford University Press, USA: 1986
- FONER, Eric. *Reconstruction: America's unfinished revolution, 1863-1877*. Harper & Row, New York: 1989
- _____. *Free soil, free labor, free men: the ideology of the republican party before the civil war*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1995
- FOOTE, Shelby. *The civil war, a narrative*. New York: Random House, 1958-74
- FORSTER, E. M. *Aspects of the novel*. New York: Harcourt, Brace, 1927
- FRYER, Judith. *The faces of Eve: women in the nineteenth-century American novel*. New York: Oxford University Press, 1976
- Hall, Stuart. "Gramsci's Relevance for the Study of Race and Ethnicity." Journal of Communication Inquiry 10.2 (1986): 5-27.
- HARRIS, Susan K. *Nineteenth century American women's novel: interpretive strategies*. University of Illinois Press, New York: 1990
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. *Rush for Riches : Gold fever and the making of California*. Berkeley: University of California Press, 1999
- HOLT, Michael F. *The political crisis of the 1850s*. New York: W.W. Norton, 1983
- HURST, James Willard. *Law and the conditions of freedom in the nineteenth-century United States*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1986
- JAMES, Edward T. ed. *Notable American Women, 1607-1950- a biographical dictionary*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University, 1971

- JEHLEN, Myra. *American Incarnation – the individual, the Nation, and the Continent*. Harvard University Press, Cambridge: 1986
- JONES, Maldwyn Allen. *American immigration* Chicago: University of Chicago Press, 1992
- KAPLAN, Amy. *The social construction of American realism*. Chicago: University of Chicago press, 1988
- KELLEY, Mary. *Private Woman, Public Stage: Literary Domesticity in the nineteenth-century America*. New York: Oxford University press, 1984
- KOLODNY, Annette. *The land before her: fantasy and experience of the American frontiers, 1630-1860*. Chapel Hill: University of North Carolina press, 1984
- LEWIS, R.W.B. *The American Adam: Innocence, Tragedy, and Tradition in the Nineteenth Century*. University of Chicago Press, Chicago: 1955
- LIMERICK, Patricia Nelson. *The legacy of conquest: the unbroken past of the American west*. New York: W.W. Norton, 1997
- LOWY, Michel. *Ideologia e ciência social*. São Paulo: Cortez, 1985
- MADDEN, Edward H. *Civil disobedience and moral Law in nineteenth-century American philosophy*. Seattle: University of Washington Press, 1968
- MARX, Leo. *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America*. New York: Oxford University Press, 1964
- McDANNEL, Colleen. *The Christian home in Victorian America, 1840-1900*. Bloomington: Indiana University Press, 1986
- NORTH, Douglas Cecil. *The economic growth of the United States, 1790-1860*. New York: W.W. Norton, 1966
- PERMAN, Michael. *The road to redemption: southern politics, 1869-1879*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984
- PERRY, Lewis. *Boats against the current: American culture between revolution and modernity, 1820-1860*. New York: oxford University press, 1993
- POTTER, David Morris. *The impending crisis, 1848-1861*. New York: Harper & Row, 1976
- SADLIER, Darlene. “Teoria e crítica literária feminista nos Estados Unidos”. Em: *Organon*. Porto Alegre: Instituto de Letras (UFRGS), V. 16, p. 14-25, 1989.
- SALMON, Marylynn. *Women and the law of property in early America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1986

SAMUELS, Shirley. ed. *The culture of sentiment: race, gender and sentimentality in nineteenth-century America*. New York: Oxford University Press, 1992

SHOWALTER, Elaine. "Introduction: the rise of gender". In: ____ (ed.). *Speaking of Gender*. Routledge: New York, 1989. p. 1-13.

SLOTKIN, Richard. *Regeneration Through Violence. The Mythology of the American Frontier, 1600-1860*. Nova York, Harper Perennial :1996.

_____, *Fatal Environment. The Myth of the Frontier in the Age of Industrialization 1800-1890*. Nova York, Harper Perennial :1994.

SMITH, Henry Nash. *Virgin land. The American west as symbol and myth*. Cambridge : Harvard University Press, 1950

STANSELL, Christine. *City of women : sex and class in New York, 1789- 1860*. Urbana : University of Illinois Press, 1987

TAYLOR, George Rogers. *The transportation revolution 1815-1860*. Armonk; m.e. Sharpe, 1989

TRACHTENBERG, Alan. *The incorporatin of America: culture and society in the gilded age*. New York: Hill and Wang, 1982

TURNER, Frederick Jackson. *The significance of the frontier in American history*. Madison: Silver Buckle press, 1984

WILSON, Edmund. *Patriotic gore – studies in the literature of the American civil war*. New York: W.W. Norton, 1984

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)